



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

**AYLA CAROLINE JARDIM ROSA DE SOUZA**

**As Práticas Integrativas em Saúde: sua inserção no ensino, na  
gestão e na atenção.**

**BRASÍLIA**

**2018**

**AYLA CAROLINE JARDIM ROSA DE SOUZA**

**As Práticas Integrativas em Saúde: sua inserção no ensino, na  
gestão e na atenção.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Enfermagem.

**Orientadora: Dr<sup>a</sup> Ana Beatriz Duarte Vieira**

**Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Leides Barroso Azevedo Moura**

**BRASÍLIA**

**2018**

**AYLA CAROLINE JARDIM ROSA DE SOUZA**

**AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS EM SAÚDE: sua inserção no  
ensino, na gestão e na atenção.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Enfermagem da Faculdade de  
Ciências da Saúde da Universidade de Brasília como  
requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em  
Enfermagem.

Brasília, \_\_\_\_ de Junho de 2018.

**Comissão Examinadora**

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Beatriz Duarte Vieira

---

Membro efetivo interno: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rejane Antonello Griboski

---

Membro efetivo externo: Luiz Felipe Castelo Branco da Silva

---

Membro Suplente: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Lúcia da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por estar sempre comigo, me dando força e saúde no meu caminho percorrido até aqui. Com a certeza com Ele olhando por mim, tudo se torna possível.

A Universidade de Brasília, por me acolher de braços abertos em seus mais diversos aspectos, me mostrando o quão rica é a experiência de fazer parte dessa instituição.

Aos meus professores, de cada semestre, que compartilharam seus conhecimentos comigo, da melhor forma possível, a fim de me tornar uma profissional capacitada, capaz de exercer a minha profissão com excelência, oferecendo com qualidade meus cuidados ao ser humano, em sua totalidade.

A minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Ana Beatriz Duarte Vieira e Co-orientadora Dr<sup>a</sup> Leides Barroso Azevedo Moura, por todo o apoio, compreensão e contribuições durante a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso. Sem elas não teria sido possível concluí-lo.

A toda a minha família, tios, tias, primos, primas, avós, que mesmo distante sei o quanto torceram pelo meu sucesso durante todo esse tempo, assim como vão continuar torcendo para que eu atinja meus próximos objetivos e alcance minhas metas. Também não poderia deixar de citar minhas bisavós, que já não estão mais nesse plano conosco, mas que tenho a certeza que lá do céu, estiveram e sempre vão estar olhando por mim e por cada um de nossa família. Sei da felicidade que devem estar sentindo ao me ver concluindo mais uma etapa.

Agradeço principalmente aos meus pais, Márcia Andréa e Cleyton Souza, e minha irmã Yngryd Caroline, por nunca deixarem de acreditar em mim, e por fazerem tudo que estava e até o que não estava ao alcance deles, para me proporcionar condições dignas de concluir meus estudos. Vocês com certeza foram o pilar principal para esta vitória.

Aos queridos amigos que fiz em Brasília, as amigas que deixei no Rio de Janeiro e que se mantiveram sempre presentes, Juliana Carvalheira e Larissa Grillo e ao meu namorado Leonardo Neiva, que me apoiaram em cada momento de dificuldade não me deixando desistir, e comemoraram comigo cada pequena vitória durante essa trajetória. Obrigada pela paciência e pelos empurrões para frente nos momentos em que fraquejei.

A todos estes e a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu mais sincero e imenso, muito obrigada!

## RESUMO

**Introdução:** As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são consideradas terapêuticas de promoção da saúde, prevenção de agravos, método para diagnóstico, tratamento e recuperação da saúde, tendo comprovações de seus benefícios por metodologias científicas contemporâneas (PDPIIS, 2014). Buscou-se analisar a inserção das PICS nos eixos do ensino, da gestão e da atenção/serviço em saúde registradas em publicações brasileiras.

**Metodologia:** Trata-se um estudo de abordagem qualitativa para identificação de produções acerca da temática das PICS. Adotou-se a revisão integrativa da literatura. A busca dos artigos científicos foi realizada na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) por intermédio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para acesso às informações foi utilizado o descritor “Terapias Complementares”, por ser o único existente nos Descritores em Ciências da Saúde” (DeCS). Foram inseridos os descritores concatenados: Terapias Complementares AND ensino, Terapias complementares AND gestão, Terapias Complementares AND serviço e Terapias Complementares AND atenção. A busca foi realizada durante o mês de novembro de 2017 e foram utilizados como critérios de seleção apenas artigos nacionais, publicados entre os anos de 2000 a 2017.

**Resultados:** Foram encontrados ao total 4.744 artigos. Aplicados os critérios de inclusão o número foi reduzido a 139 artigos e com o uso dos critérios de exclusão foram selecionados para análise 28 artigos, contemplando os três eixos a serem discutidos: ensino, gestão, serviço/atenção.

**Discussão:** Para a análise dos dados optou-se pela análise temática categorizada pela dimensão dos três eixos. A partir dessa análise foram elaboradas 3 categorias de abordagem: “Ofertas de disciplinas em cursos de graduação ou especialização”; “Institucionalização das PICS nos cenários e atenção à saúde” e “A pluralização terapêutica das PICS e sua inserção nos serviços do SUS”. No eixo do ensino, foram encontrados 14 artigos, onde os resultados apontaram que o número de instituições de ensino superior no país, que oferecem essas disciplinas ainda é escasso. Isso revela lacuna no conhecimento do profissional de saúde acerca das PICS, dificultando aos profissionais a ensinarem e praticarem essas modalidades frente ao modelo de atenção à saúde. Em relação à gestão, foram analisados 6 artigos, que mostraram baixa inserção da maioria dos gestores em relação à institucionalização das PICS deixando de incentivar a utilização dessas terapêuticas nos diferentes cenários do SUS. Já em relação ao serviço/atenção, a análise foi referente a 8 estudos, onde foram descritos diversos benefícios proporcionados pelas diferentes modalidades das PICS, além de estimularem o exercício da autonomia, o protagonismo e a corresponsabilidade dos atores envolvidos.

**Conclusão:** É possível notar crescente interesse no reconhecimento e implantação as PICS no sistema de saúde brasileiro. Espera-se que este estudo colabore sobre a necessidade de produção e divulgação do conhecimento relacionados as PICS como uma cultura de atenção à saúde tendo o envolvimento na formação, gestão e serviços consolidando-se como uma terapêutica de promoção de saúde e estratégia para melhoria da qualidade de vida dos usuários do SUS.

**Descritores:** Terapias Complementares, Ensino, Gestão, Serviço, Atenção.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **Lista de Figuras**

Figura 1: Diagrama de seleção dos artigos .....	12
---	----

### **Lista De Quadros**

Quadro 1: Quadro descritivo dos artigos analisados. ....	37
Quadro 2: Síntese dos estudos com análise descritiva para o tema das PICS no ensino.....	21
Quadro 3: Síntese dos estudos com análise descritiva para o tema das PICS na gestão. ....	24
Quadro 4: Síntese dos estudos com análise descritiva para o tema das PICS no serviço/atenção. ....	29

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	OBJETIVOS .....	10
3.	MATERIAL E MÉTODO .....	10
4.	RESULTADOS .....	12
5.	DISCUSSÃO .....	13
5.1	Terapias Complementares e o Ensino .....	13
5.1.1.	Ofertas de disciplinas em cursos de graduação ou especialização .....	13
5.2	Terapias Complementares e a Gestão.....	21
5.2.1.	Institucionalização das PICS nos cenários de atenção à saúde.....	22
5.3	Terapias Complementares e o Serviço/Atenção .....	24
5.3.1.	A pluralização terapêutica das PICS e sua inserção nos serviços do SUS .....	24
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
7.	REFERÊNCIAS .....	32
8.	APÊNDICE 1 .....	37
9.	APÊNDICE 2 .....	46

## 1. INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são consideradas terapêuticas de promoção da saúde, prevenção de agravos, método para diagnóstico, tratamento e recuperação da saúde. Algumas são oriundas das tradições orientais e outras têm origem em diferentes culturas se utilizando do conhecimento secular e tendo comprovações de seus benefícios por metodologias científicas contemporâneas (PDPIS, 2014).

As PICS, são consideradas recursos utilizados nos diferentes sistemas médicos complexos que possuem teorias próprias sobre o processo saúde-doença e que buscam estimular mecanismos naturais de produção de saúde por meio da incorporação do protagonismo e corresponsabilidade dos diferentes sujeitos tendo um caráter transdisciplinar e intersetorial (LUZ, 2003; TESSER & LUZ, 2008).

Entende-se, portanto, as PICS como “tecnologias eficazes e seguras que integra o ser humano com o meio ambiente e a sociedade, além de gerar um vínculo acolhedor e terapêutico para a promoção global do cuidado à saúde, em especial de autocuidado” (PNPIC, 2015, p 13).

Com as PICS, o objetivo principal da intervenção passa a ser promoção da saúde dos indivíduos inseridos em uma coletividade cultural e social tendo como objeto central o ser em toda a sua complexidade e totalidade biopsicossocial e espiritual. O foco deixa de ser apenas a doença, e passa a ser a existência de indivíduos, que são capazes de criar para aqueles que o cercam e para si próprio, um ambiente gerador de saúde e tornando o indivíduo seu próprio agente de cura. (LUZ, 1997; TESSER & LUZ, 2008).

Desse modo, procura-se melhorar resultados de processos terapêuticos realizados em grupo ou individualmente, promovendo ações para o autocuidado e estimulando a autonomia, o empoderamento e a emancipação dos sujeitos. Por isso é de extrema importância a institucionalização das PICS ao SUS, sendo ofertada de forma eficaz à população e garantindo o acesso dos usuários a estas terapêuticas.

Em 2006, foi aprovada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares por meio da Portaria Ministerial GM nº 971, de 03 de maio de 2006. (Brasil/MS, 2011). Assim, a PNPIC foi estruturada visando conhecer as práticas já desenvolvidas no cenário brasileiro e procurando apoiar, incorporar e implementar as PICS na rede pública. Além de promover a sua continuidade, fornecer insumos e promover ações de avaliação e acompanhamento. (Brasil/MS, 2015).



No país inúmeras iniciativas de PICS foram catalogadas a partir da PNPIC. Já no Distrito Federal a história da institucionalização das PICS remete a década de 80 com experiências exitosas e bons resultados alcançados, que levaram a Secretaria de Estado de Saúde (SES-DF) a “promover avanços institucionais para atender as demandas da população usuária e trabalhadores de saúde do SUS-DF” (PDPIS, 2014, p.11).

Neste sentido, a partir de 1987, o Convênio de Cooperação Nº 11/87 celebrado entre a União e o Instituto de Tecnologia Alternativa do Distrito Federal (ITA/DF) “permitiu a implantação das primeiras atividades, a saber: acupuntura, alimentação natural, fitoterapia, homeopatia”. (PDPIS, 2014, p.11). A partir de então, por meio de portaria e decretos houve a criação do Serviço de Medicina Natural e Terapêuticas de Integração (SEMENTI, 1998), que passou a Núcleo de Medicina Natural e Terapêuticas de Integração (NUMENATI, 2000) e a Gerência de Práticas Integrativas em Saúde (GERPIS, 2011), sendo esta última a condição atual (PDPIS, 2014).

O principal objetivo da GERPIS é o desenvolvimento, gestão e produção de conhecimentos acerca das PICS no SUS-DF, tendo como foco a promoção da saúde, prevenção dos agravos, recuperação e reabilitação de forma integral e humanizada. Também planeja, acompanha, monitora e avalia as PICS no âmbito do SUS-DF. Visando atingir a esses objetivos/missões, a GERPIS criou a Política Distrital de Práticas Integrativas de Saúde (PDPIS), com base na PNPIC e na Lei Orgânica do Distrito Federal (PDPIS, 2014).

No DF são catalogadas 14 práticas que são oferecidas à população: Acupuntura, Arteterapia, Automassagem, Fitoterapia, Hatha Yoga, Homeopatia, Lian Gong em 18 terapias, Medicina e Terapias Antroposóficas, Meditação, Musicoterapia, Reiki, Shantala, Tai Chi Chuan, Terapia Comunitária Integrativa.

Observa-se a importância e real necessidade da incorporação dessas terapias integrativas e complementares no ensino de profissionais da área da saúde, desde a formação acadêmica até na forma de educação permanente. Desse modo, estes profissionais obterão conhecimento e aprimoramento das suas atividades relacionadas a estas práticas, tendo a capacidade para exercê-las no cenário em que atuam e sendo capazes de analisar a eficácia ou não da sua implementação/implantação.

Para Tesser & Luz (2008), no que se diz respeito à ensino, é possível que ao longo dos anos, haja a introdução dessas práticas, de forma opcional, com a provável diminuição, da racionalidade médica ocidental, que tem como característica a dicotomia entre diagnóstico/terapia. Essa terapêutica retomaria então, aos poucos, o seu lugar ocupado ao

longo do tempo pela diagnose. Dessa maneira, o cenário atual mudaria, de forma que diagnóstico e terapia andariam lado a lado, contribuindo uma com a outra. (TESSER & LUZ,2008) .

Argumenta-se que as PICS promovem impacto no que se diz respeito ao ensino, à gestão e ao serviço/atenção. A presente pesquisa reuniu, analisou e sintetizou publicações científicas que tiveram como foco/temática principal as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde a fim de responder à seguinte questão norteadora: Qual é a produção de conhecimento referente à inserção das PICS no ensino, na gestão e no serviço/atenção no país?

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo principal**

Neste estudo buscou-se como objetivo principal analisar a inserção das PICS nos eixos do ensino, da gestão e da atenção/serviço registradas em publicações brasileiras.

### **2.2. Objetivos específicos**

- Identificar evidências disponíveis na literatura referentes a temática das PICS;
- Apresentar um levantamento das publicações nacionais sobre as PICS nos eixos do ensino, da gestão e da atenção/serviço em saúde;
- Descrever a inserção das PICS nos eixos de ensino, gestão, atenção/serviço.

## **3. MATERIAL E MÉTODO**

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa para identificação de produções sobre o tema das PICS. Adotou-se a revisão integrativa da literatura sobre a inserção das PICS para o ensino, a gestão e o serviço/atenção.

A revisão integrativa tem como propósito principal obter, por meio de análise crítica de estudos anteriores sobre um determinado tema, um amplo conhecimento a respeito do mesmo. São sintetizados os resultados de tais estudos selecionados, de forma padronizada e sistemática, permitindo a formulação de conclusão geral a respeito do assunto em questão. (CROSSETTI, 2012).

Esse tipo de revisão teve como etapas de sistematização: 1) a identificação do tema; 2) elaboração da questão da pesquisa; 3) definição das informações a serem extraídas – critérios de inclusão/exclusão; 4) avaliação dos estudos selecionados; 5) interpretação dos resultados e 6) apresentação da revisão do conhecimento. (MENDES, SILVEIRA e GALVÃO, 2008)

Para operacionalização do estudo e atendimento à questão norteadora da pesquisa, optou-se por selecionar artigos nacionais disponíveis na base de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) por intermédio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para acesso às informações foram inseridos descritores concatenados: Terapias Complementares AND ensino, Terapias complementares AND gestão, Terapias Complementares AND serviço e Terapias Complementares AND atenção. A busca foi realizada durante o mês de novembro de 2017. A escolha do descritor “Terapias Complementares” foi feita a partir do vocabulário de descritores “Descritores em Ciências da Saúde” (DeCS), por ser o único termo acerca das Práticas Integrativas e Complementares, incluído no vocabulário, utilizado para indexação dos artigos em bases de dados, servindo como uma linguagem única. As tentativas de utilizar outros descritores não foi bem sucedida, não sendo possível encontrar um número significativo de artigos. Já utilizando o descritor correto e categorizado pelo DeCS, obteve-se sucesso, sendo possível encontrar os artigos.

A seleção dos artigos teve como critérios de inclusão: (1) artigos nacionais encontrados utilizando-se os descritores concatenados; (2) indexados na base de dados estabelecida; (3) no período de 2000 a 2017, (4) de livre acesso ao texto completo, on-line, de forma gratuita. Sendo utilizada a ferramenta “filtro” na BVS, para delimitar tais critérios.

Os critérios de exclusão foram: (1) teses e dissertações, (2) documentos governamentais, (3) artigos sobre PICS que não estavam relacionados ao tema proposto.

Após a seleção metódica do material houve a leitura na íntegra, elaboração do diagrama de seleção, elaboração de um quadro sistematizado, seguido pela apresentação dos resultados, análise temática e discussão apoiadas pelos artigos e leituras complementares de documentos basilares sobre as PICS - PNPIC, PDIS, Relatório de Gestão das PICS/2006-2010 -, textos e livros que auxiliaram na fundamentação.

Para a análise dos dados optou-se pela análise temática categorizada pela dimensão dos três eixos: ensino, gestão, serviço/atenção. (MINAYO, 2014). A partir dessa análise apresentam-se por meio de categorias de abordagem, os resultados e sínteses em torno de cada eixo, sendo estas categorias: “Ofertas de disciplinas em cursos de graduação ou especialização”; “Institucionalização das PICS nos cenários e atenção à saúde” e “A

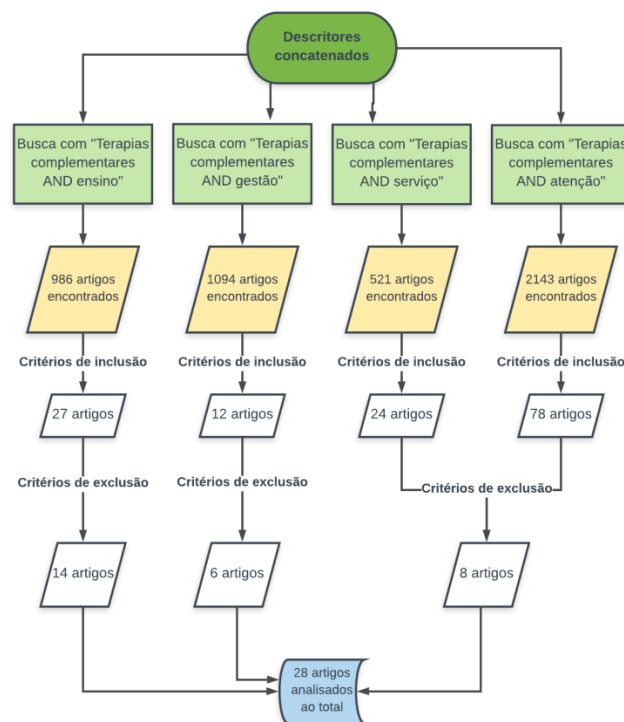
pluralização terapêutica das PICS e sua inserção nos serviços do SUS”, sugeridas pela autora do estudo, a partir dos materiais selecionados.

#### 4. RESULTADOS

Após a busca utilizando os descritores concatenados, foram encontrados ao total 4.744 artigos brasileiros. Aplicados os critérios de inclusão o número foi reduzido a 139 artigos. Com o uso dos critérios de exclusão foram selecionados para análise 28 artigos, contemplado os três eixos a serem discutidos: ensino, gestão, serviço/atenção. Foi elaborado um quadro com a síntese dos artigos que compuseram a revisão integrativa de acordo com os critérios de inclusão e a temática norteadora. O quadro 1 apresenta o título dos artigos analisados, nome(s) do(s) autor(res), ano da publicação, periódico da publicação, região do país que foi realizado o estudo, nível de evidência do estudo, tipo de abordagem do estudo e resumo do estudo (APÊNDICE 1).

A Figura 1 representa o número de artigos encontrados na base de dados para o alcance dos artigos selecionados.

**Figura 1:** Diagrama de seleção dos artigos



Fonte: Diagrama elaborado pela autora, 2018.

## **5. DISCUSSÃO**

Foram separados para discussão os três eixos temáticos: Terapias Complementares e o Ensino, Terapias Complementares e a Gestão e Terapias Complementares e o Serviço/Atenção.

### **5.1 Terapias Complementares e o Ensino**

Encontrou-se 14 estudos que buscaram demonstrar a situação da formação dos profissionais de saúde nessa área, considerado como categoria de abordagem “Ofertas de disciplinas em cursos de graduação ou especialização”, conforme síntese demonstrada ao final do eixo em Quadro 2.

#### **5.1.1. Ofertas de disciplinas em cursos de graduação ou especialização**

O estudo de Salles, Homo & Silva (2014), mostrou a oferta de disciplinas sobre as PICS em três cursos de graduação da área da saúde, sendo Enfermagem, Medicina e Fisioterapia. Nas 209 instituições públicas de ensino superior pesquisadas somente 43 oferecem disciplinas optativas sobre PICS, sendo que é mais frequente no curso de Enfermagem (26,4%) seguido pelos cursos de Medicina (17,5) e Fisioterapia (14,3), respectivamente. Em relação aos cursos de Enfermagem 23 instituições oferecem disciplinas ligadas às PICS, porém 55 não oferecem e em nove não obtiveram os dados. Em 20 dessas instituições foram encontradas oferta de disciplinas que abordam a maioria das PICS e nas outras três restantes, somente abordam fitoterapia.

Esse mesmo estudo também mostrou que 48 instituições públicas de ensino superior no país, em Fisioterapia, 37 não ofertam as disciplinas relacionadas às práticas, sete oferecem e em quatro não foi possível obter os dados. Das sete instituições que têm a oferta dessas disciplinas, em 5 elas são optativas e em duas elas são obrigatórias. Entre essas sete disciplinas, três abordam acupuntura, uma aborda arteterapia e três falam sobre as diferentes práticas.

O estudo também cita que das 74 faculdades de Medicina, 53 não oferecem disciplinas relacionadas ao tema, 13 oferecem - entre elas, seis com mais de uma disciplina - e em oito não foi possível a obtenção dos dados. Em 100% das instituições que ofertam disciplinas sobre essas terapias, são de forma optativa com carga horária entre 15 e 75 horas, sendo a

maioria sobre acupuntura, homeopatia ou fitoterapia. E somente em três instituições há a abordagem de diversas práticas.

Os resultados apontaram que o número de instituições que oferecem essas disciplinas ainda é escasso. Isso revela lacuna no conhecimento do profissional de saúde acerca das PICS, que reduzem a sua própria área de atuação com tais práticas e também prejudica a orientação que poderia prestar ao usuário que tenha interesse em inserir-se no modelo de cuidado terapêutico estabelecido por tais. Portanto, há necessidade de rever a formação dos futuros profissionais, a fim de despertá-los para o que se chama de integralidade no cuidado humano. Os autores consideram que embora as PICS sejam reconhecidas no sistema de saúde brasileiro é indispensável o incremento das PICS nas grades curriculares durante a formação dos profissionais de saúde que atenderão os usuários do SUS. (SALLES, HOMO & SILVA, 2014).

Outro estudo abordou duas instituições de ensino superior de Enfermagem sendo uma pública e outra privada, na cidade de São Paulo. Em ambas há oferta de disciplinas sobre as terapias complementares integrando a grade curricular na modalidade optativa e obrigatória. Para a instituição pública, a disciplina é denominada “Enfermagem nas Práticas Complementares de Saúde”, cursada a partir do 4º semestre e é obrigatória. Já para a instituição privada, é denominada “Enfermagem em Terapias Alternativas”, cursada no 3º ano, em dois semestres. Foi aplicado um questionário entre alunos das quatro séries iniciais, da amostra de 178 alunos regularmente matriculados; 35 alunos informaram terem conhecido tais práticas cursando uma disciplina sobre a temática; 48 conheceram através de livros, revistas e TV; 43 por meio de amigos e familiares; 19 afirmaram terem conhecido na faculdade sem especificar se foi em aula; 10 por meio de professores, 12 por utilizar as práticas e 11 não responderam. Esses números mostraram que os acadêmicos tomam conhecimento sobre as PICS, principalmente, por meio de veículos de comunicação e conversas informais, sabendo-se que esse conhecimento faz parte também do senso comum ou saber popular, o que parece ainda ter prevalência sobre o ensino formal (TROVO, SILVA & LEAO, 2003).

Ainda seguindo a linha de pesquisa focada no curso de enfermagem e nos profissionais dessa área, Silva et al. (2013) fez uma pesquisa que teve como objetivo identificar, estratégias de ensino das terapias complementares na graduação em Enfermagem.

A discussão sobre as estratégias de ensino das práticas integrativas e complementares na graduação em Enfermagem, sob a visão de diversos autores, tornou possível a identificação de metodologias de ensino que podem vir a ser utilizadas no processo ensino-aprendizagem

de tais práticas. Entre essas formas de ensino encontram-se cursos teóricos, realização de palestras, grupos de discussão, em formato de disciplina opcional ou obrigatória. O incentivo à pesquisa científica também favorecem nesse processo, abordando, os conteúdos que envolvem essas terapias. (SILVA et al., 2013).

As autoras, ainda citam uma pesquisa que foi realizada em São Paulo, em cinco escolas de Enfermagem, onde o conhecimento obtido com relação as PICS na formação de enfermeiros ocorreram em cursos de educação continuada e especialização, ao longo da carreira e não durante a graduação. O fato dessas terapias complementares não serem inseridas de forma efetiva ao currículo tradicional das escolas de Enfermagem forma um círculo vicioso, onde os estudantes não recebem formação sobre essas terapias e seus professores também não detêm o conhecimento sobre o assunto, em consequência, os profissionais formados terão dificuldades para ensinar e praticar esses modelos de práticas não convencionais. Também foram apontadas várias razões para a inclusão de disciplinas sobre as PICS na educação dos estudantes, dentre elas o aumento da sensibilidade, a humanização na assistência, a criação do vínculo, o respeito pelos saberes culturais e o incentivo ao protagonismo do outro, de forma que seja possível modelar atitudes, habilidades e o comportamentos no que diz respeito ao processo de saúde-doença, gerando assim, o interesse pela temática e por essa área de atuação.

O estudo realizado por Barros e Tovey (2007) utilizou de uma amostra de enfermeiras formadas em cinco escolas de Enfermagem distintas, entre os anos de 1975 a 1984, tendo, portanto, entre 20 e 30 anos de carreira na área. Estas informaram que o conhecimento adquirido na formação em diferentes Terapias Complementares aconteceu ao longo do exercício profissional, em cursos de educação continuada e especialização.

Já no estudo de Badke et al. (2017) se destaca a fragilidade na composição dos currículos dos cursos de enfermagem, que ainda mantém o foco em modelos biomédicos, o que pode acarretar no comprometimento da formação integral desses alunos, que se tivessem incluídas disciplinas acerca do uso de plantas medicinais, o ensino estaria mais próximo também da realidade da população, podendo o futuro profissional, conseguir valorizar o conhecimento popular no uso das plantas medicinais, fortalecendo a autonomia do usuário no cuidado de sua saúde.

Em outra pesquisa com 484 graduandos de Medicina no Estado de São Paulo, 85% dos deles consideraram que as disciplinas relacionadas às PICS deveriam estar implementadas no currículo das escolas médicas de forma opcional ou obrigatória, com 56% destes alunos mostrando muito interesse no aprendizado. A pesquisa aponta que nas instituições de ensino

superior do Brasil, ainda é pequena a oferta e inserção dessas disciplinas o que pode ser o causador da insegurança na atuação profissional em utilizar de tais práticas, além do ceticismo que as envolve, mesmo que já existam pesquisas que as fundamentam e autorizam seu uso. Também foi possível observar, que quanto maior o grau de desinformação em relação as PICS, maior é o nível de interesse na aprendizagem destas. Os entrevistados desta pesquisa também apontaram ser a favor da maior oferta e inserção de disciplinas que abordem essa temática nos currículos dos cursos da área da saúde, durante a formação acadêmica (GONÇALVES, 2008).

No Brasil, existem disciplinas optativas, com carga horária de 60 horas-aula equivalendo a quatro créditos, que ensinam sobre a acupuntura e a homeopatia em cursos de Medicina. Esse fato é presente em poucas faculdades de medicina, e a incorporação de tais disciplinas em seus currículos, quando ministradas, normalmente, são por voluntariado de médicos que têm especialidades nessas áreas (TEIXEIRA & LIN, 2013).

Os programas para residência médica nessas duas áreas foram aprovados em 2002 pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), através de uma Resolução do CFM, tendo acesso direto e sendo constituído de dois anos, referentes a R1 e R2. Enquanto a residência em homeopatia é oferecida em apenas uma instituição no Rio de Janeiro, a residência em acupuntura é ofertada em nove instituições em diversas localidades, sendo quatro em São Paulo, uma em Pernambuco, uma no Distrito Federal, duas em Santa Catarina e uma na Bahia. Em uma visão geral, o ensino médico em acupuntura e homeopatia no país ocorre há muitos anos como pós-graduação *lato sensu*, podendo também serem ministrados pelas instituições formadoras tendo carga horária em uma média de 1.200 horas-aula, dando aos médicos a capacidade de prestarem as provas de títulos para especialistas junto a Associação Médica Brasileira e ao convênio das entidades de classe (TEIXEIRA & LIN, 2013).

Segundo Teixeira & Lin (2013), deveria existir disciplinas sobre a homeopatia e a acupuntura, sob forma obrigatória ou optativa, na grade curricular de todas as faculdades de Medicina do país, capacitando os estudantes com conhecimento suficiente para atenderem seus futuros pacientes, indicando o uso dessas terapêuticas. Essas disciplinas poderiam vir acompanhadas de práticas de laboratório e participações em ligas acadêmicas sobre esse tema, permitindo aos graduandos uma vivência clínica e terapêutica. Na concepção desses autores, também deveriam ser abertos mais programas de pós-graduação e residência médica com essas especialidades.



O que os autores esperam ao traçarem um panorama do ensino médico nessas PICS, é que se consiga estimular uma discussão sobre a importância da adequação das escolas médicas brasileiras às demandas nessa área, cada vez mais crescentes, já que a educação, pesquisa e assistência no que se diz respeito a essas terapias complementares, andam em paralelo com as necessidades da população, que se interessa por procurar e conhecer novas formas de tratamento não convencionais, mas não tem o conhecimento sobre as bases científicas que aprovam a utilização correta e segura destas. (TEIXEIRA & LIN, 2013).

Ainda sobre acupuntura, Machado et al. (2011), realizaram uma pesquisa que tinha como objetivo identificar a percepção e o conhecimento dos médicos professores universitários, sobre tal temática. Os discursos obtidos mostraram que grande parte dos entrevistados não buscam informações sobre tal prática de forma espontânea. Os relatos destes profissionais sobre experiências com acupuntura, são quando eles próprios já usaram destas terapêuticas na condição de pacientes ou quando são relatos dos poucos profissionais acupunturistas. Ainda assim, mesmo com a pouca experiência, concordam que o tema que envolve tal prática é atual e presente no dia-a-dia médico, e que por isso, o docente devia estar em busca de evidências, para ampliar seus conhecimentos, no intuito de ser capaz de exercer a sua função de facilitador e orientador do ensino. Em contrapartida, também há relatos que, em muitos casos, a capacidade de absorção do conhecimento é ineficiente diante do surgimento de diversas informações novas sobre a acupuntura, que talvez por isso esta fosse considerada como tratamento auxiliar apenas, tendo espaço reduzido e sendo pouco explorado.

Neste estudo os professores também foram favoráveis à inclusão de disciplina eletiva sobre a acupuntura na grade curricular ou ainda, que o tema seja abordado de forma coadjuvante em disciplinas correlacionadas à temática, tendo como justificativa que isso irá colaborar no auxílio ao aluno para explorar as potencialidades dessas terapias, que vem ganhando espaço no mercado de trabalho e na procura pelos pacientes, mesmo ainda sendo consideradas não convencionais. Entretanto, foram poucos os professores entrevistados que admitiram discutir sobre essa temática em sala de aula e os que abordam, fazem de forma superficial, apenas citando dentro de outros assuntos, tais como a atualização terapêutica e relação médico-paciente (MACHADO, OLIVEIRA & FECHINE, 2011).

Ao analisarmos os artigos selecionados relacionados à acupuntura, percebemos que muitos deles se referem ao mesmo resultado sobre o interesse dos alunos em adquirirem conhecimento sobre o tema. Como é o caso também dos estudos realizados por Carnevale et al. (2017) e Amadera et al. (2010), que indicam o alto interesse dos alunos em cursar a disciplina sobre acupuntura, sendo a forma mais aceita a de caráter optativo. Eles entendem

como um conhecimento muito importante de se obter para ampliação do saber médico. Ambos os autores também apontam que as disciplinas devem ser incluídas ao ensino médico.

Ainda no estudo de Amadera et al. (2010), mostra que na pesquisa realizada com alunos do 7º e 8º semestres do curso de Medicina, 30% dos alunos se voluntariam para cursar as disciplinas sobre acupuntura e alguns deles ainda escolheram realizar treinamento adicional de dois anos na área.

Também são citadas as Ligas Acadêmicas que tem como temática a prática da acupuntura. Carnevale et al. (2017), descrevem em seu estudo que entre 300 dos 458 estudantes cursando entre o primeiro e sexto ano do curso de Medicina da Unicamp declararam ter algum conhecimento sobre acupuntura, sendo que 51 deles foi por intermédio da Liga Acadêmica de Acupuntura da Unicamp.

Na pesquisa realizada na Escola de Medicina da Universidade de São Paulo, descreveram que após um semestre de treinamento básico, apenas oito alunos são promovidos - após seleção - para fazer parte da Liga Médica Acadêmica de Acupuntura que tem duração de dois anos. A cada semestre oito vagas são preenchidas, e esses oito alunos ao completarem dois anos, saem, abrindo oito novas vagas para o semestre seguinte. A cada semestre um grupo completa dois anos e o processo se repete, sendo sempre renovadas as turmas (AMADERA et al, 2010).

Apesar da acupuntura já ser reconhecida como especialidade médica e ser indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o seu ensino ainda é escasso no país, ainda que a demanda da população e o interesse dos profissionais por tais práticas esteja aumentando, a inclusão de tal educação, seja em forma continuada ou nas graduações e cursos de especialização, não a acompanha (CARNEVALE et al., 2017).

Cinco outros estudos selecionados enfocaram sobre o uso de plantas medicinais. Alguns autores citam a importância de serem incluídas disciplinas relacionadas ao uso de plantas medicinais, tais como homeopatia e fitoterapia.

O estudo de Teixeira (2007), sugeria a inclusão das bases fundamentais da homeopatia em disciplinas obrigatórias, nos primeiros anos da graduação dos cursos de medicina, mesmo que tivesse o aprofundamento em disciplinas mais abrangentes, posteriormente.

Ainda no estudo de Badke et al. (2017), anteriormente citado, abordaram também sobre a formação da enfermagem nos campos de especialização de homeopatia. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEn) já reconhece e estabelece essa prática como especialidade do enfermeiro, desde que tenha sido aprovado em curso reconhecido com mais de 360 horas-aula. Além dessa formação complementar fora da graduação, ele também aponta para a

necessidade dos profissionais da área da saúde conseguirem obter, durante a sua formação, conhecimentos a respeito dessas práticas que envolvem as plantas medicinais. Para isso, cita que as instituições devem incluir disciplinas voltadas para esta temática, em seus currículos, com o intuito de aproximar mais essas práticas com a real situação populacional e com princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Entendem assim, que se tivessem incluídas disciplinas acerca do uso de plantas medicinais nos cursos de saúde, o ensino estaria mais próximo também da realidade da população, podendo o futuro profissional, conseguir valorizar o conhecimento popular no uso das plantas medicinais, fortalecendo a autonomia do usuário no cuidado de sua saúde.

Outra contribuição aponta sobre a importância da inserção do tema sobre plantas medicinais no currículo dos cursos da área da saúde, pois é de suma importância que os futuros profissionais obtenham conhecimentos acerca desse tema, assim como tem sua real importância o aumento de instituições públicas que disponibilizem especializações nessa área para os profissionais interessados. Destaca ainda, o fato da qualificação de profissionais da área da saúde sobre plantas medicinais, ser imprescindível para o fortalecimento do sistema de saúde, consolidando seus princípios e diretrizes, de forma que favorecem a ampliação das práticas terapêuticas buscando a integralidade da assistência (CEOLIN et al., 2013).

Os artigos também apresentam uma perspectiva acerca das contribuições que as terapias complementares, relacionadas às plantas medicinais, trazem aos profissionais e futuros profissionais.

Adler & Gallian (2009) apontam diversos pontos positivos na aprendizagem relatados por profissionais que realizaram o Curso de Especialização de tais práticas. Entre esses pontos foram citados

Realização da anamnese homeopática, o aprender a ouvir o paciente, a abordagem sem preconceitos, o cuidado na observação do doente, o exame físico minucioso, a valorização de sinais e sintomas não valorizados pela Medicina convencional, a forma de se entender o binômio saúde-doença, o enfoque de distúrbios progressivos do doente e o modo integral e individualizado de medicar e acompanhar o doente (p. 359).

Discorre ainda, sobre o fato desses profissionais se considerarem capacitados para praticar a especialidade, incorporando-a na sua atuação profissional, gerando melhorias na relação profissional-paciente. Dessa forma, também há relatos sobre a realização pessoal e profissional, que se sentem mais completos e felizes após o curso (ADLER & GALLIAN, 2009).

No que se refere à fitoterapia, a crescente inclusão desta prática na academia acaba favorecendo a sua ampliação, por aprofundar o conhecimento sobre a mesma, atestando a eficácia e a segurança de seu uso. Isso lhe confere evidências científicas, que diminui o preconceito e o descrédito de profissionais de saúde, gestores e usuários ainda marcantes quando se remete a tal terapêutica (FIGUEREDO, GURGEL & GURGEL JUNIOR, 2014).

Quase todos os artigos apontam ser pequena a quantidade de estudos relacionados a formas de ensino/educação sobre terapias complementares. O que acaba por limitar a visão de integralidade requerida aos profissionais de saúde, acarretando em uma deficiência na sua formação básica no que se diz respeito às PICS.

Notou-se que a maioria dos estudos relacionados ao ensino/educação acerca das PICS se refere a homeopatia e acupuntura, principalmente. Estas são as mais abordadas tendo maior enfoque talvez pelo interesse acadêmico e social, pois têm como público principal os médicos em formação ou já formados que buscam uma capacitação além da graduação, ainda que existam muitos terapeutas não-médicos especializados ou buscando especialização nestas áreas.

Outro ponto citado na maioria dos estudos é sobre a possibilidade de tais práticas serem inseridas no ensino superior por meio de disciplinas eletivas/optativas. Os estudos mostram que tanto professores, quanto alunos são bastante favoráveis a essa ação.

Também aparece em vários dos artigos, a contribuição das PICS no ensino dos profissionais, influenciando de forma positiva na atuação destes, possibilitando uma melhor relação terapêutica do profissional da saúde com o paciente, e melhorando a capacidade de reflexão crítica sobre o processo saúde-doença e ampliando a visão de saúde integral sobre cada indivíduo.

**Quadro 2:** Síntese dos estudos com análise descritiva para o tema das PICS no ensino.

Terapias Complementares e Ensino			
Autores/Ano	Categoria	Ideia Central	Análise Temática
SALES SALLES, HOMO & SILVA (2014);  TROVO, SILVA & LEAO (2003);  SILVA et al. (2013);  BARROS E TOVEY (2007);  GONÇALVES (2008);  TEIXEIRA & LIN, (2013);  MACHADO, OLIVEIRA & FECHINE (2011);  CARNEVALE et al, (2017);  AMADERA et al. (2010);  TEIXEIRA (2007);  BADKE et al. (2017);  CEOLIN et al. (2013);  ADLER & GALLIAN (2009);  FIGUEREDO, GURGEL & GURGEL JUNIOR, (2014).	<b>Ofertas de Disciplinas em Cursos de Graduação ou Especialização.</b>	Os estudos apontam que embora haja oferta de disciplinas sobre as PICS integrando algumas grades curriculares da graduação, nas modalidades optativa e obrigatória, os estudantes ainda adquirem conhecimento sobre a temática na informalidade. Há inserção do tema sobre plantas medicinais no currículo de alguns cursos da área da saúde. Nos cursos de graduação de Medicina as terapêuticas abordadas são acupuntura e homeopatia, por considerarem ser especialidades médicas. A maioria dos profissionais que se aproximam da temática é por meio de cursos de especialização. É indispensável o incremento das PICS nas grades curriculares durante a formação dos profissionais de saúde que atenderão os usuários do SUS.	A análise apontou que o número de instituições de ensino superior no país, que oferecem essas disciplinas ainda é escasso. Isso revela lacuna no conhecimento do profissional de saúde acerca das PICS, dificultando aos profissionais a ensinarem e praticarem essas modalidades no modelo de atenção à saúde. Considera-se que a ampliação das práticas terapêuticas buscando a integralidade da assistência aos usuários do sistema de saúde seja imprescindível para o fortalecimento e consolidação dos princípios e diretrizes do SUS.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2018.

## 5.2 Terapias Complementares e a Gestão

Neste segundo eixo os estudos encontrados totalizaram-se em 6 artigos, considerada categoria de abordagem “ Institucionalização das PICS nos cenários de atenção à saúde”, conforme síntese demonstrada ao final do eixo em Quadro 3.

### 5.2.1. Institucionalização das PICS nos cenários de atenção à saúde

O estudo de Figueredo et al. (2014), mostraram o desconhecimento dos gestores sobre alguma política para a institucionalização das PICS em unidades de atendimento. Com isso, acabam criando obstáculos para a execução de tais práticas e levam para a sua atuação na gestão, uma postura pessoal sobre as PICS que termina por influenciar, desfavoravelmente, os profissionais de saúde.

Araújo et al. (2015) descrevem que, em estudos anteriores já apontavam problemas na gestão dos serviços, marcados por falta de planejamento na implantação das PICS nos serviços, devido à falta de capacitação dos profissionais de saúde que atuam nesses cenários e falta de valorização pelos gestores e pela própria equipe de saúde. Dificuldades de ordem política são as principais, quando se discute a possibilidade de implantação/implementação de políticas públicas que envolvam as PICS e segundo os autores, em especial a fitoterapia.

Neste mesmo artigo, foi citado o estudo de Sampaio et al. (2013), que relevou em relação a fitoterapia que na maioria das vezes o conhecimento é insuficiente e informal, encontrando dificuldades para a implantação das práticas fitoterápicas, principalmente pela não valorização por parte dos gestores (ARAÚJO et al., 2015; SAMPAIO et al., 2013).

A pesquisa de Fontenele (2013) no estudo de Araújo et al. demonstra a percepção de gestores em saúde e profissionais da saúde sobre a inclusão da fitoterapia na Atenção Básica de Teresina (PI). É predominante a deficiência na formação técnica dos profissionais de saúde nessa prática, bem como é mínimo o conhecimento das políticas que envolvem essa temática, sendo possível reconhecer que o conhecimento adquirido da maioria das vezes é por meio da forma popular. Contudo, os gestores, demonstraram abertura para discutir sobre o assunto, mostrando estratégias e dando justificativas, assim como apontando as dificuldades de ordem política e estrutural (ARAÚJO et al., 2015; FONTENELE et al., 2013).

A pesquisa de Galhardi, Barros & Leite-Mor (2013), analisou o conhecimento de gestores da área da saúde nos municípios de São Paulo, sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a sua influência na prática de homeopatia, sendo identificados 47 municípios que ofertavam tal prática. Dos 42 gestores entrevistados, observou-se que 41% desconheciam a PNPIC, 31% tinham conhecimento insuficiente e apenas 26% afirmaram conhecer bem. Aqueles que afirmaram ter um bom conhecimento informaram utilizar a PNPIC para os seguintes fins: “instruir o governo municipal sobre a homeopatia; sobre a construção de legislação própria e o incremento dos serviços homeopáticos” (p. 213). Entretanto, apenas quatro destes municípios, utilizaram a política

efetivamente para a implantação da atenção em homeopatia. E os outros sete gestores (26%) afirmaram não utilizar a PNPIC, pois alegam que a falta da implementação das PICS está na falta de garantia de recursos da política (GALHARDI, BARROS & LEITE-MOR, 2013).

Conclui-se que a PNPIC é desconhecida pela maioria dos gestores da saúde e ainda, que aqueles que a conhecem a utilizam para tornar a prática homeopática conhecida e justificar sua indicação no SUS. Por fim, a PNPIC é apontada como a única maneira de incluir de forma efetiva as PICS no SUS nos municípios do país, pois, ela promove a inclusão dessas práticas, antes contidas às sombras do discurso e ação dominadora no que envolve a racionalidade médica nos serviços de atenção à saúde. (GALHARDI, BARROS & LEITE-MOR, 2013).

A oferta das PICS no SUS deve ser estimulada para que seja possível a ampliação da integralidade da atenção à saúde e o acesso às mesmas. Entretanto, inseri-las ao serviço se torna desafiador, portanto “fomentar a gestão participativa, a construção da integralidade e a ampliação responsável e cuidadosa das práticas e saberes no cuidado, além de propiciar o registro de experiências, contribuindo para a implantação das PICS como estratégias promotoras de saúde” (SANTOS & TESSER, 2012, p. 3022)

Os artigos discutidos neste tópico se mostraram mais centralizados em como os gestores poderiam atuar de modo a fortalecer as diretrizes do SUS. Também foi bastante citado o fato dos gestores pouco valorizarem tais práticas. Mediante a análise destes estudos, percebeu-se o não reconhecimento por parte dos gestores acerca das PICS o que dificulta e inviabiliza uma maior apropriação do conhecimento, impossibilitando ou diminuindo as chances e estímulos para a institucionalização destas na atenção à saúde.

**Quadro 3:** Síntese dos estudos com análise descritiva para o tema das PICS na gestão.

Terapias Complementares e Gestão			
Autores/Ano	Categoria	Ideia Central	Análise Temática
FIGUEREDO et al. (2014); ARAÚJO et al. (2015); SAMPAIO et al. (2013); FONTENELE et al., (2013); GALHARDI, BARROS & LEITE-MOR; (2013); SANTOS & TESSER, (2012).	<b>Institucionalização das PICS nos cenários de atenção à saúde.</b>	Os estudos apontaram dificuldades de ordem política e estrutural, quando se discute a possibilidade de implementação das políticas públicas que envolvam as PICS. Os poucos conhecimentos dos gestores sobre as tais políticas geram obstáculos para institucionalização dessas práticas nos serviços de atenção do SUS. Há ainda, deficiência na formação técnica dos profissionais de saúde nessas práticas para que se tornem reconhecidas, valorizadas e recomendadas como estratégias terapêuticas promotoras de saúde e de cuidado.	Nos artigos analisados percebeu-se o não reconhecimento por parte dos gestores acerca das PICS o que dificulta e inviabiliza uma maior apropriação do conhecimento, impossibilitando ou diminuindo as chances e estímulos para a institucionalização na atenção à saúde. A oferta das PICS no SUS se torna um processo desafiador, corresponsável, participativo e cuidadoso das práticas e saberes, possibilitando uma melhora da resolutividade das ações e da diminuição dos custos de tratamentos. Podem contribuir como estratégias terapêuticas ao modelo de cuidado em prol da melhoria da saúde e qualidade de vida dos usuários do sistema de saúde brasileiro.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

### 5.3 Terapias Complementares e o Serviço/Atenção

Este eixo traz a análise dos oito artigos que discorrem sobre as contribuições que as PICS trazem para o serviço/atenção aos usuários considerada como categoria de abordagem “A pluralização terapêutica das PICS e sua inserção nos serviços do SUS”, conforme síntese demonstrada no final do eixo no Quadro 4.

#### 5.3.1. A pluralização terapêutica das PICS e sua inserção nos serviços do SUS

A revisão bibliográfica de Andrade & Pedrão (2005) tem como justificativa a tentativa de estimular profissionais enfermeiros da saúde mental a utilizar PICS, as quais melhoram e



complementam a sua assistência aos pacientes com transtornos mentais. As modalidades descritas no estudo foram música, atividade motora, ioga e acompanhamento terapêutico. Entretanto, percebem que as modalidades alternativas, utilizadas na assistência à saúde mental, de modo geral ainda estão insuficientes, visto à sua importância como estratégia terapêutica. Fato que implica a formação ou treinamento específico para os profissionais enfermeiros terem condições para tal (ANDRADE & PEDRÃO, 2005).

Pesquisa realizada sobre a acupuntura e suas contribuições aos pacientes, discorre que ainda é pouco conhecida por grande parte dos profissionais de saúde e os pacientes quando são encaminhados a estas é devido as outras intervenções não demonstrarem resultados esperados. Foi possível notar muitos encaminhamentos à acupunturistas, por quadros de dor, sendo este o motivo mais frequente para o uso dessa terapia, em torno de 80% dos pacientes. Dos 27 pacientes apresentando quadros algícos, 19 relataram que notaram uma melhora entre 60% e 100% da dor com a terapêutica da acupuntura. A oferta da acupuntura pelo SUS favorece a expansão da prática, estimula seu uso pelos usuários e facilita as recomendações pelos demais profissionais de saúde, dando-lhes a autonomia para escolher qual o melhor plano terapêutico para cada indivíduo em cada momento e valorizando as PICS (SILVA & TESSER, 2013).

No estudo realizado por Tesser & Barros (2008), aborda sobre a pluralização terapêutica das PICS como uma alternativa ao processo de desmedicalização na saúde e como possibilidade de ser recomendada sua inserção nos serviços do SUS. Há um tópico que discorre sobre as contribuições das Medicinas Alternativas Complementares (MAC), na atenção à saúde:

Em geral, as MAC inovam na reposição do sujeito doente como centro do paradigma médico; na re-situação da relação curador-paciente como elemento fundamental da terapêutica; na busca de meios terapêuticos simples, menos dependentes de tecnologia científica dura, menos caros e, entretanto, com igual ou maior eficácia nas situações mais gerais e comuns de adoecimento; na construção de uma medicina que busque acentuar a autonomia do paciente; e na afirmação de um saber/prática que tenha como categoria central a saúde e não a doença. Uma contribuição prática dessas medicinas é um enriquecimento interpretativo e terapêutico da clínica: muitos adoecimentos “não-inquadráveis”, que recebem sintomáticos após consultas especializadas e exames complementares infrutíferos, tornam-se compreensíveis na leitura de uma MAC, admitindo tratamento possivelmente eficaz e acessível. Assim, elas podem contribuir para e ampliação da clínica. Algumas MAC, notadamente as inseridas em racionalidades médicas, são relativamente integrais na sua abordagem, comparativamente à biomedicina, e, assim, candidatas a serem oferecidas para os usuários do SUS.... (TESSER & BARROS, 2008, p. 918).

Já no que se diz respeito a contribuições para os profissionais que atuam nessas áreas, propicia um aprendizado e domínio de técnicas para promoção da saúde, além de desvelar o entendimento de novas maneiras de cuidar em saúde, sendo assim, enriquecedoras para modelo de atenção vigente no SUS (TESSER & BARROS, 2008).

No estudo de Nagai & Queiroz (2011) foi destacada as condições, obstáculos e problemas para a implementação das PICS nos serviços. Foram entrevistados 37 profissionais de saúde, sendo 18 enfermeiros, 11 médicos, dois terapeutas ocupacionais, dois fonoaudiólogos, um dentista, um psicólogo, um biomédico e um sociólogo da rede básica de saúde da cidade de Campinas, sendo que dos entrevistados 19 (51%) tinham especialidade em algumas das PICS. De um modo geral, a pesquisa descreveu que há uma boa aceitação por parte dos médicos sanitaristas e o apoio dos profissionais não médicos à implementação das PICS, além da convivência democrática e harmoniosa dessas práticas com as práticas da medicina alopática convencional. Porém, ressaltaram que apesar do sucesso na implantação das PICS na rede básica foi detectado “o perigo de se implantar um programa simplista, que converte as racionalidades alternativas em meras técnicas que seguem os mesmos princípios mecanicistas da medicina alopática e o mesmo entendimento “reificado” de doença” (p.1799)

A postura necessária para a inclusão das medicinas alternativas e complementares no SUS, requer uma visão que considere aspectos culturais, sociais e emocionais dos indivíduos, exigindo uma abordagem multidisciplinar, dando margem/abertura aos demais profissionais que visam se capacitar e contribuir para tal serviço (NAGAI & QUEIROZ, 2011).

Uma outra vertente avalia que as cargas psíquicas, consequentes das condições físicas do ambiente, as condições biológicas e a organização do trabalho, podem atingir diretamente o trabalho dos profissionais e suas relações, e em resposta a esse conjunto de fatores encontra-se o surgimento do stress (GATTI & SILVA, 2007).

Esses autores realizaram um estudo em um pronto-socorro adulto, em um hospital localizado em São Paulo, com atendimento 24 horas, atendendo em média 5.800 pacientes/mês. Nesse estudo foram incluídos “médicos, enfermeiros, auxiliares administrativos, auxiliares de farmácia, auxiliares de limpeza e auxiliares e técnicos de enfermagem” (p.4), totalizando 49 profissionais que trabalham nos períodos matutino e vespertino neste setor. No intuito de cuidar também de quem cuida, sabendo-se que a música traz benefícios aos pacientes, avaliou-se como essa prática poderia influenciar de forma positiva também no setor de emergência, podendo mudar diversos aspectos do ambiente, trazendo melhorias e levando à redução do *stress* tanto dos profissionais que por ali trabalham, quanto dos pacientes ali assistidos. Ao final da pesquisa, conclui-se que a

percepção dos profissionais é muito positiva em relação ao efeito que a música causou no ambiente e em sua atuação, pois 61% gostou da seleção musical, 77,5 % percebeu efeito no ambiente e 41% percebeu alteração no desempenho individual. Esse tipo de intervenção e prática complementar pode ser um bom plano para a melhoria na organização do processo de trabalho e na prestação da assistência prestada aos usuários (GATTI & SILVA, 2007).

A pesquisa realizada em um Serviço de Quimioterapia de um hospital no Rio Grande do Sul teve como objetivo conhecer as PICS utilizadas por pacientes em tratamento por quimioterapia oncológica. Participaram desta pesquisa 6 pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico, que afirmaram utilizar as PICS no seu plano terapêutico. Dentre as terapias complementares citadas pelos pacientes, encontram-se a homeopatia, a fitoterapia e as plantas medicinais. Destacando a homeopatia, segundo os participantes da pesquisa, a utilização desta prática tem aumentado sensação de bem-estar, o que pode influenciar diretamente e consideravelmente em sua qualidade de vida (FELIPETTE LIMA et al., 2015).

O mesmo estudo discorre sobre a perspectiva da oncologia integrativa, que é um ramo da Medicina Integrativa e abrange a integração de tratamentos alternativos e complementares aos tratamentos convencionais como a radioterapia, quimioterapia, terapia molecular e cirurgia. A oncologia integrativa estimula a autonomia e protagonismo do paciente no seu processo de cuidado, com isso vem sendo reconhecida entre os profissionais da área da saúde que trabalham na assistência à pacientes oncológicos. Infere-se que as Terapias Complementares, citadas nesse estudo, oferecem aos pacientes oncológicos um maior bem-estar, e sentimento de autonomia no que diz respeito ao seu plano de cuidado e na relação paciente-profissional (FELIPETTE LIMA et al., 2015).

Almeida & Silva (2012) pesquisaram a respeito dos efeitos do canto gregoriano sobre a ansiedade de mães de crianças hospitalizadas em quartos individuais de um hospital de atenção quaternária. Foi realizada no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, onde 28 mães participaram de todas as etapas da pesquisa/coleta. Foram realizados dois encontros onde ocorreram as audições musicais com essas mães e após a primeira e segunda audições, 25 participantes tiveram o seu nível de ansiedade diminuído. Concluiu-se que, apesar do estudo não ter verificado a diminuição da ansiedade a médio e longo prazo, e também não ter sido testado em outros ambientes hospitalares, o canto gregoriano traz uma considerável contribuição para a diminuição da ansiedade das mães das crianças hospitalizadas.

Também foi encontrado estudo que discorreu sobre as Atividades Assistidas por Animais (AAT), uma Terapia Complementar que tem eficácia em pacientes de diferentes

idades e em diferentes ambientes, enfatizando seu uso em crianças em contexto médico e educacional. Entre os benefícios que tal prática traz para crianças no que se diz respeito à esfera social, encontram-se o aumento da sensibilidade e do foco, assim como da concentração e habilidades comunicativas. Já com adultos há a diminuição de ansiedade. Os benefícios na esfera física, podem gerar sensações de maior bem-estar em pacientes infantis hospitalizados, devido ao aumento de endorfinas e linfócitos, que incrementam a resposta imune. Também há menor percepção de dor quando se utilizando da terapia. Sendo assim, é possível notar a importância da implementação dessa prática nos ambientes hospitalares, podendo contribuir positivamente nos contextos de internação dos diversos grupos etários, mas principalmente das crianças hospitalizadas (REED, FERRER & VILLEGAS, 2012).

Foi possível notar que tanto para usuários, quanto para profissionais o resultado positivo é significativo, mostrando a eficácia das PICS, comprovada por relatos de seus usuários. Em meio às publicações brasileiras sobre as contribuições que as PICS trazem para o serviço/atenção, encontramos poucos estudos que discorram sobre o assunto, porém todas as pesquisas encontradas sobre tal temática apontam que as PICS em suas mais diversas modalidades, trazem vantajosos benefícios para a saúde de quem as utiliza.

Acredito que o número de estudos que comprovem tais benefícios ainda seja pequeno, o que dificulta evidências científicas para requerer um maior investimento na área. É necessário que haja, por parte dos pesquisadores que acreditam na importância da PICS e esperam a sua crescente implementação, um maior enfoque em pesquisas sobre as reais contribuições destas práticas para serem implementadas nos serviços de atenção à saúde e ofertadas aos usuários do SUS.

**Quadro 4:** Síntese dos estudos com análise descritiva para o tema das PICS no serviço/atenção.

Terapias Complementares e Serviço/Atenção			
Autores/Ano	Categoria	Ideia Central	Análise Temática
ANDRADE & PEDRÃO (2005); SILVA & TESSER, (2013); TESSER & BARROS (2008); NAGAI & QUEIROZ, (2011); GATTI & SILVA, (2007); FELIPETTE LIMA et al. (2015); ALMEIDA & SILVA (2012); REED, FERRER & VILLEGAS (2012).	<b>A pluralização terapêutica das PICS e sua inserção nos serviços do SUS.</b>	Os artigos desvelam as PICS como novas maneiras de cuidar em saúde, sendo entendidas como terapêuticas enriquecedoras para modelo de atenção vigente no SUS. AS PICS requerem uma visão abrangente que considere aspectos culturais, sociais e emocionais dos indivíduos, exigindo uma abordagem multidisciplinar, oferecendo possibilidade aos profissionais de saúde que visam se capacitar e contribuir para atuar nos serviços. A abordagem integralizadora das PICS as tornam candidatas a serem oferecidas aos usuários do SUS. Os estudos apontaram benefícios das PICS contribuindo positivamente tanto para os usuários quanto para os profissionais da saúde.	Nas análises notou-se que tanto para usuários, quanto para profissionais o resultado positivo é significativo, mostrando a eficácia das PICS, comprovada por relatos dos atores envolvidos nas práticas. Em meio às publicações brasileiras sobre as contribuições que as PICS trazem para o serviço/atenção, poucos estudos discorrem sobre o assunto, porém todas as pesquisas encontradas apontam que as PICS em suas mais diversas modalidades, trazem vantajosos benefícios para a saúde de quem as utiliza.  A postura necessária para a inclusão das PICS nos serviços/atenção à saúde perpassa pela capacitação dos profissionais, pelo protagonismo da comunidade e pela valorização da gestão.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2018.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta revisão, observa-se que as PICS são consideradas terapêuticas de promoção da saúde, prevenção de agravos, método para diagnóstico, tratamento e recuperação da saúde, tendo comprovações de seus benefícios por metodologias científicas contemporâneas (PDPIS, 2014). Dessa forma, por meio das PICS procura-se melhorar resultados de processos terapêuticos realizados em grupo ou individualmente, estimular a promoção do autocuidado, da autonomia, do empoderamento e a emancipação dos sujeitos, assim como também colaborar na melhoria da qualidade de vida dos atores, diretamente,

envolvidos e dos indivíduos a sua volta. Por isso é de extrema importância a sua inserção no SUS e a sua institucionalização, sendo ofertada de forma eficaz à população e garantindo o acesso a estas.

Essa pesquisa teve o intuito de reunir, analisar e sintetizar estudos que mostrassem as reais contribuições que as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde trazem nos eixos do ensino, gestão e serviço/atenção.

Considera-se que através da realização desta revisão integrativa, com um levantamento de publicações nacionais sobre as PICS, os objetivos desta pesquisa foram alcançados.

Ressalta-se como limitação na construção deste estudo, o recorte apenas em artigos de nível nacional, fato que reduz a oportunidade de aprofundar no tema proposto para revisão. Entretanto, é importante destacar que nos últimos 20 anos, não houve relevante enfoque dentre as publicações nacionais, a respeito das contribuições consideráveis que as PICS trazem para os três eixos abordados nesta revisão. Fato preocupante, frente à constatação da importância de tais práticas, tanto para usuários quanto para os profissionais, que atuam no sistema de saúde brasileiro.

Esta importância vem sendo comprovada com a aprovação por parte daqueles que a praticam e notam a eficácia das PICS, como bem demonstrado no decorrer desta pesquisa. Entretanto, percebe-se a escassez de estudos que consigam embasar com qualidade essa eficácia.

Nota-se no decorrer desta revisão que há poucas instituições pelo país que ofereçam disciplinas optativas ou obrigatórias, projetos e ligas acadêmicas relacionadas às PICS, assim como a falta de incentivo da gestão no que se diz respeito à implementação destas práticas.

Acredito então, que a falta de pesquisas e de incentivos no que diz respeito às PICS, está associada a uma cascata de acontecimentos começando pela formação dos profissionais de saúde, onde há falta de disciplinas que abordem tal temática, estes, por ocasião do exercício de suas profissões, se não procurarem capacitação específica sobre as PICS, terão dificuldades para compreenderem as evidências que comprovem o processo de sua eficácia, não incentivando a incorporação de disciplinas que discorram sobre essas terapêuticas nas instituições de ensino, também não incentivando a incorporação dessas terapêuticas e não sendo motivados a oferecê-las nos serviços de saúde. Por sua vez, os gestores acabam pouco incentivando os profissionais a se capacitarem e implementarem as PICS nos serviços de saúde.

Foi possível notar um incremento no interesse no reconhecimento das PICS, nacionalmente. Um fato que comprova essa informação é a realização do “1º Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Complementares e Saúde Pública e o 3º Congresso Internacional de Ayurveda”, que aconteceram em março de 2018, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

(BRASIL/MS, 2018)

Espera-se que este estudo possa contribuir para mostrar a necessidade de expandir as pesquisas acerca das PICS, mostrando a sua eficácia e que colabore para a produção e divulgação do conhecimento, relacionados a tais práticas, e que seja incorporada uma cultura de atenção à saúde tendo o envolvimento dos gestores, profissionais de saúde e usuários do SUS para a consolidação das PICS como terapêutica de promoção de saúde e de melhoria da qualidade de vida.

Conclui-se que as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, paulatinamente, vêm recebendo o devido reconhecimento dentro do sistema de saúde brasileiro, e espera-se que esta pesquisa também possa contribuir para ampliar novos olhares e motivar outros estudantes a buscarem evidências sobre as PICS, a fim de apoiar, incorporar e implementar essas terapias na rede pública de atenção à saúde no país.

## 7. REFERÊNCIAS

ADLER, M. S.; GALLIAN, D. M. C. Experiências e impactos do aprendizado em Homeopatia: relatos de médicos egressos do Curso de Especialização em Homeopatia da FMJ. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 356-363, Set. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022009000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 9 Nov. 2017.

ALMEIDA, A. P.; SILVA, M. J. P. Canto Gregoriano: redutor de ansiedade de mães com filhos hospitalizados. **Acta paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 36-42, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002012000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 11 Nov. 2017.

AMADERA, J. E. D. et al. The teaching of acupuncture in the University of São Paulo School of Medicine, Brazil. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 56, n. 4, p. 458-461, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302010000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302010000400020&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 9 Nov. 2017.

ANDRADE R.L.P.; PEDRÃO L.J. Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.13, n.5, p.737-742, Set./Out., 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692005000500019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000500019)>. Acessado em: 20 Nov. 2017.

ARAÚJO A.K.L.; FILHO A.C.A.A.; IBIAPINA L.G. et al. Dificuldades enfrentadas por enfermeiros na aplicabilidade da fitoterapia na atenção básica: uma revisão integrativa. **Revista Online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 2826-2834, Jul./Set., 2015. Disponível em: <[http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4039/pdf\\_1631](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4039/pdf_1631)>. Acessado em: 11 Nov. 2017.

BADKE, M.R. et al. O conhecimento de discentes de enfermagem sobre uso de plantas medicinais como terapia complementar. **Revista Online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p 459-465, Abr./Jun. 2017. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5442/pdf>>. Acessado em: 9 Nov. 2017.

BARROS, N.F.; TOVEY P. O ensino das terapias alternativas e complementares em escolas de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 28, n. 2, p. 207-214, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3165/1736>>. Acessado em: 9 Nov. 2017.



BRASIL. Ministério da Saúde. **1º Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Complementares e Saúde Pública e o 3º Congresso Internacional de Ayurveda**. Disponível em: <[http://congrepics.saude.gov.br/#!/#sobre\\_nos](http://congrepics.saude.gov.br/#!/#sobre_nos)>. Acessado em: 02 Maio 2018.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso / Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Relatório de Gestão 2006-2010**. Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília, 2011. Disponível em: <[http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/rel\\_gestao2010\\_final.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/rel_gestao2010_final.pdf)>. Acessado em: 21 Maio 2017.

CAMPOS, B. C. P. et al . Ensino de massoterapia: habilidades envolvidas na relação fisioterapeuta-paciente. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 16-21, Mar. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-29502009000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-29502009000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 8 Nov. 2017.

CARNEVALE, R. C. et al . O Ensino da Acupuntura na Escola Médica: Interesse e Desconhecimento. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 134-144, Jan. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022017000100134&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000100134&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 9 Nov. 2017.

CEOLIN, T. et al. Relato de experiência do curso de plantas medicinais para profissionais de saúde. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v.37, n.2, p.501-511, Abr./Jun. 2013. Disponível em: <<http://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/502/796>>. Acessado em: 10 Nov. 2017.

CROSSETTI, M. G. O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem: o rigor científico que lhe é exigido. [Editorial]. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 33, n. 2, p. 8-13, jun., 2012. Editorial. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94920/000857666.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 8 Nov. 2017.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. **Política distrital de práticas integrativas em saúde**: PDPIS / Secretaria de Estado de Saúde. Subsecretaria de Atenção Primária à Saúde. Gerência de Práticas Integrativas em Saúde – Brasília: Fepecs, 2014.73 p.: il.

FELIPETTE LIMA, J. et al. Uso de terapias integrativas e complementares por pacientes em quimioterapia. **Avances em enfermería**, Bogotá, v. 33, n. 3, p. 372-380, Set. 2015. .

Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-45002015000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002015000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 20 Nov. 2017.

FIGUEREDO, C. A.; GURGEL, I. G. D.; GURGEL JUNIOR, G. D. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 381-400, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312014000200381&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000200381&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 10 Nov. 2017.

FONTENELE R. P. et al. Fitoterapia na Atenção Básica: olhares dos gestores e profissionais da Estratégia Saúde da Família de Teresina (PI), Brasil. **Ciência & saúde coletiva** [online]. v. 18, n. 8, p. 2385-2394, Ago., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n8/23.pdf>>. Acessado em: 11 Nov. 2017.

GALHARDI W. M. P.; BARROS N. F.; LEITE-MOR A. C. M. B. O conhecimento de gestores municipais de saúde sobre a Política Nacional de Prática Integrativa e Complementar e sua influência para a oferta de homeopatia no Sistema Único de Saúde local. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 213-220, Jan., 2013. Disponível em: <<https://scielosp.org/pdf/csc/2013.v18n1/213-220/pt>>. Acessado em: 11 Nov. 2017.

GATTI M. F. Z.; SILVA M. J. P. Música ambiente em serviço de emergência: percepção dos profissionais. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.15, n.3, Mai./Jun., 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692007000300003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692007000300003&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acessado em: 20 Nov. 2017.

GONÇALVES, R. P. et al. Profissionais da área de saúde pública: atitudes, conhecimentos e experiências em relação a práticas médicas não-convencionais. **Revista de APS**, v. 11, n. 4, p. 398-405, Out./dez. 2008. Disponível em: <<https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/323>>. Acessado em: 9 Nov. 2017.

LUZ, M T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 13-43, Jun. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v7n1/02.pdf>>. Acessado em: 01 Jun. 2017.

LUZ, M. T. **Novos saberes e Práticas em Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2003.

MACHADO, M. M. T.; OLIVEIRA, J. C.; FECHINE, Á. D. L. Acupuntura: conhecimento e percepção de professores universitários. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 41-49, Mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022012000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 8 Nov. 2017.

MARCONI, M.A.; LAKATOS E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C.C. P.; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 16 Dez. 2017.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

NAGAI S, C.; QUEIROZ M. S. Medicina complementar e alternativa na rede básica de serviços de saúde: uma aproximação qualitativa. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1793-1800, Mar. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000300015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000300015)>. Acessado em: 20 Nov. 2017.

REED, R.; FERRER, L.; VILLEGAS, N. Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, p. 612-618, Jun., 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/48586>> . Acessado em: 11 Nov. 2017.

SALLES L. F.; HOMO, R. E. B., SILVA, M. J. P. Situação do ensino das práticas integrativas e complementares nos cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e medicina. **Cogitare Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 741-746, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483647663013>>. Acessado em: 10 Nov. 2017.

SAMPAIO L. A. et al. Percepção dos enfermeiros da estratégia saúde da família sobre o uso da fitoterapia. **Revista Mineira de Enfermagem**. v. 17, n. 1, p. 76-84, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/580>>. Acessado em: 11 Nov. 2017.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica**, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS M. C.; TESSER C. D. Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 11, p. 3011-3024, Nov., 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012001100018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001100018&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 11. Nov. 2017.

SILVA E.D.C.; TESSER C.D. Experiência de pacientes com acupuntura no Sistema Único de Saúde em diferentes ambientes de cuidado e (des)medicalização social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n.11, p. 2186-2196, Nov., 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013001100006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013001100006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acessado em: 20 Nov. 2017.

SILVA, N. C. M. et al. Estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem: revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**,

Goiânia, v. 15, n. 4, p. 1061-7, Dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/20568>>. Acessado em: 8 Nov. 2017.

TEIXEIRA, M. Z. Homeopatia: desinformação e preconceito no ensino médico. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 15-20, Abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 9 Nov. 2017.

TEIXEIRA, M. Z.; LIN, C. A. Educação médica em terapêuticas não convencionais. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 92, n. 4, p. 224-235, Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/80004>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

TESSER C. D.; BARROS N. F. Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.42, n.5, p.914-920, Out., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102008000500018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000500018)>. Acessado em: 20 Nov. 2017.

TESSER, C. D.; LUZ, M. T. Racionalidades médicas e integralidade. **Ciência & Saúde coletiva** [online]. v. 13, n. 1, p. 195-206, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232008000100024&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232008000100024&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acessado em: 14 Jun. 2017.

TROVO, M. M.; SILVA, M. J. P.; LEO, E. R. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, p. 483-489, Ago., 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692003000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 10 Nov. 2017.

## 8. APÊNDICE 1

Quadro 1: Quadro descritivo dos artigos analisados.

-	Título do estudo	Autores / Ano / Periódico Região/	Nível de evidência do estudo / Tipo de abordagem do estudo	Resumo do estudo
EIXO: ENSINO				
1	A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios	Climério Avelino de FIGUEREDO, Idê Gomes Dantas GURGEL, Garibaldi Dantas GURGEL JUNIOR / 2014 / Physis Revista de Saúde Coletiva Não se aplica	Revisão Literária e pesquisa documental / Qualitativo	Em 2006, foram criadas a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, para o Sistema Único de Saúde, resultado de um longo processo de demanda e construção de uma política para o setor. Este trabalho <b>objetiva analisar a construção da política para a implantação/implementação da Fitoterapia no SUS, das facilidades e dificuldades envolvidas neste processo e dos desafios e perspectivas</b> . Para isto foi feito a análise de documentos do Ministério da Saúde que são atinentes à questão, de artigos que abordam a política, além de artigos sobre aspectos da Fitoterapia que têm importância em relação ao seu uso nos serviços de saúde. Desta análise, observa-se que, apesar de o governo federal ter desenvolvido diversas ações, a implementação da política pouco avançou em função das dificuldades para seu uso no SUS, como o pouco conhecimento que os profissionais de saúde têm sobre a Fitoterapia, o entendimento deturpado sobre a eficácia e a segurança deste tratamento por parte de usuários e profissionais de saúde, a dificuldade do acesso à planta medicinal e ao fitoterápico, além da estruturação dos serviços nos moldes que favorecem o uso do medicamento sintético. No entanto, vê-se que esta política é importante por oferecer outra forma de tratamento, pelo fato de as plantas medicinais serem acessíveis à população, por resgatar o conhecimento popular, por favorecer a participação popular etc. e que são fatores facilitadores de sua implementação.
2	Acupuntura: Conhecimento e Percepção de Professores Universitários	Márcia Maria Tavares MACHADO, Jessica da Costa de OLIVEIRA, Álvaro Diogenes Leite FECHINE / 2010 / Revista Brasileira de Educação Médica / Ceará	Qualitativo	Esta pesquisa teve por objetivo <b>identificar o conhecimento e percepção de professores universitários, médicos, sobre a acupuntura</b> . Utilizou-se a abordagem qualitativa, realizando-se 15 entrevistas individuais com professores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, Ceará, de junho a dezembro de 2010. O tempo médio de ensino desses professores na UFC foi de 22 anos, e a idade média de 55 anos. Observou-se que a maior parte dos entrevistados não buscava espontaneamente informações sobre acupuntura; poucos conheciam alguma contraindicação; e os que indicavam a acupuntura o faziam para alívio de dores; a quase totalidade apresentou opinião favorável ao oferecimento da acupuntura a usuários do SUS, bem como à sua inclusão na grade curricular como disciplina optativa ou como assunto coadjuvante em disciplinas afins. No entanto, poucos entrevistados admitem abordar este tema em sala de aula como terapêutica equivalente às opções alopáticas. Constatou-se que os professores demonstram interesse em práticas não convencionais e reconhecem a importância da inserção dessa temática nos currículos dos cursos de Medicina.
3	Educação médica em terapêuticas não convencionais.	Marcus Zulian TEIXEIRA, Chin AN LIN / 2013 / Revista de Medicina / Não se aplica	Revisão Literária / Quantitativo- Qualitativo	A demanda da população pela medicina alternativa e complementar (CAM) vem aumentando substancialmente nas últimas décadas, exigindo dos médicos noções básicas dessas diversas terapias, a fim de que possam orientar os pacientes em tratamentos diferentes dos que estão habituados a prescrever. Assim sendo, compete às escolas de medicina propiciar aos estudantes o conhecimento das evidências científicas, dos pressupostos teóricos e das abordagens práticas empregadas por estas distintas formas

				de tratamento. A presente revisão tem o <b>propósito de fomentar a discussão sobre o ensino de terapêuticas não convencionais nas escolas de medicina</b> , enfocando o interesse da população e da classe médica, a importância das iniciativas na graduação e na pós-graduação (residência), e as perspectivas da educação médica em terapêuticas não convencionais.
4	Estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem: revisão integrativa.	Natália Chantal Magalhães da SILVA, Denise Hollanda IUNES, Zélia Marilda Rodrigues RESCK, Mirelle Inácio SOARES, Deusdete Inácio de SOUZA JUNIOR, Neireana Florencio VIEIRA / 2013 / Revista Eletrônica de Enfermagem / Não se aplica	Revisão Literária / Qualitativo	A ausência de discussões que forneçam esclarecimentos sobre o <b>ensino das terapias alternativas e complementares durante a graduação em Enfermagem</b> reflete a necessidade de desenvolvimento de pesquisas que abordem a temática. Este estudo objetivou identificar, na literatura científica, estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem. Utilizou-se da revisão integrativa de literatura como metodologia norteadora. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados SCIENCE DIRECT, LILACS e MEDLINE. De acordo com os artigos que compuseram este estudo, as propostas de ensino para a inserção dessas terapias na área acadêmica são: palestras, cursos teóricos e grupos de discussão; disciplina optativa; inserção de disciplina no currículo e incentivo à pesquisa. Entretanto, são necessários estudos que comprovem a eficácia dessas estratégias para que seja possível inserir no Projeto Político Pedagógico do curso de graduação em Enfermagem esses métodos terapêuticos, possibilitando assim a consolidação de tais práticas.
5	Experiências e impactos do aprendizado em Homeopatia: relatos de médicos egressos do Curso de Especialização em Homeopatia da FMJ	Maristela Schiabel ADLER, Dante Marcelo Claramonte GALLIAN / 2009 / Revista Brasileira de Educação Médica / São Paulo	Quantitativo- Qualitativo	Nas últimas décadas, a insatisfação com o cuidado médico contribuiu para a <b>valorização de formações médicas mais abrangentes e humanizadas e para a busca das medicinas complementares e alternativas (CAM)</b> como opções de tratamento. Desde 2003, o Curso de Pós-Graduação em Homeopatia da Faculdade de Medicina de Jundiaí (PGH-FMJ) oferece o ensino da Homeopatia para médicos, integrando-a à medicina convencional. Este estudo analisa as experiências de aprendizado em Homeopatia dos egressos das duas primeiras turmas do Curso de Especialização em Homeopatia da PGH-FMJ, totalizando 14 participantes. A metodologia compreendeu questionários de múltipla escolha, entrevistas não estruturadas e a técnica de História Oral. Os resultados revelaram que os egressos adquiriram competências para o exercício da especialidade, com ganhos nas dimensões afetivas, intelectivas e de atitude, maior satisfação profissional e pessoal, e melhora na relação médico-paciente.
6	Homeopatia: Desinformação e Preconceito no Ensino Médico	Marcus Zulian TEIXEIRA / 2003 / Revista Brasileira de Educação Médica / São Paulo	Quantitativo	Embora a homeopatia seja uma especialidade médica reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina desde 1980, com pressupostos científicos estabelecidos, aplicação clínica diversa, projetos nas áreas de pesquisa básica e clínica, oferecida nos serviços públicos de saúde e com iniciativas de ensino na graduação médica, a desinformação sobre esta peculiar racionalidade se encontra arraigada na cultura médica. <b>Este estudo objetivou mensurar a desinformação quanto aos pressupostos homeopáticos existente entre estudantes de Medicina</b> participantes do 33º Encontro Científico de Estudantes de Medicina (São Paulo, 2003). Foi aplicado um questionário auto-responsivo no início de uma atividade didática, no qual o conhecimento foi mensurado. Os respondentes consideravam como “prerrogativas da homeopatia”: o tratamento natural (18%), o efeito placebo (14%) e o aspecto místico-religioso (4,5%); “indicações do tratamento homeopático” se restringiram às doenças crônicas (52%) ou psicossomáticas (18%); “inexistência de fundamentação científica” pela pesquisa básica (21%) ou clínica (29%); “morosidade na resposta terapêutica” (57%); e “isenção de efeitos colaterais” no uso inadequado de medicamento homeopático (71%). Perante outros aspectos, 43% dos estudantes não reconheciam a homeopatia como uma “especialidade médica”; a totalidade ignorava que ela estivesse “disponível em serviços públicos de saúde”; 64% desconheciam sua “inclusão no currículo de algumas faculdades de Medicina”; e todos os alunos se mostraram “bastante interessados em aprendê-la”, na forma de disciplina obrigatória (64%) ou optativa (36%). Sugere-se que a informação acerca dos aspectos fundamentais da

				homeopatia seja transmitida nos primeiros anos da graduação médica.
7	O conhecimento de discentes de enfermagem sobre uso de plantas medicinais como terapia complementar	Marcio Rossato BADKE, Elisa Vanessa HEISLER, Silvana CEOLIN, Andressa de ANDRADE, Maria de Lourdes Denardin BUDÓ, Rita Maria HECK / 2017 / Revista Online de Pesquisa: Cidade é Fundamental / Rio Grande do Sul	Qualitativo	Objetivo: <b>Investigar o conhecimento de discentes de enfermagem sobre o uso de plantas medicinais como terapia complementar no cuidado da saúde.</b> Métodos: Pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevista semiestruturada com oito acadêmicos de enfermagem em uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul em outubro de 2012. Na análise de conteúdo, emergiram três temas: “aprendi em família”; “reconheço a importância das plantas medicinais” e “uso as plantas em casa, mas não estimulo o uso em campo prático”. Resultados: O conhecimento dos discentes referente ao uso de plantas medicinais é de origem popular. Observou-se a insegurança que os graduandos possuem frente à atuação como futuros profissionais nas orientações referentes ao uso das plantas medicinais, apontando à necessidade de avançar no ensino de enfermagem. Conclusão: Destaca-se a necessidade de revisão nos currículos para que deem suporte sobre o tema, com vistas à promoção da saúde e a integralidade do cuidado.
8	O Ensino da Acupuntura na Escola Médica: Interesse e Desconhecimento	Renata Cavalcanti CARNEVALE, André Lorenzetti BRANDÃO, Rosemeire de Olanda FERRAZ, Nelson Filice de BARROS / 2012 / Revista Brasileira de Educação Médica / São Paulo	Estudo prospectivo e descritivo / Quantitativo	O ensino da acupuntura ainda não está presente na maioria das escolas médicas do Brasil apesar de a acupuntura ser indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ser reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina desde 1995, estar disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente após a publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (2006), e apresentar um número crescente de adeptos entre profissionais de saúde e pacientes. <b>O objetivo deste estudo é analisar o conhecimento, interesse e experiência com acupuntura dos estudantes de uma escola médica do Sudeste brasileiro.</b> Foi realizado um estudo prospectivo e descritivo no período de agosto de 2011 a julho de 2012, com aplicação de questionário fechado composto por 17 questões, sobre o conhecimento, interesse e utilização da acupuntura. Foram incluídos no estudo 458 estudantes do primeiro ao sexto ano do curso. O nível declarado de conhecimento sobre acupuntura pelos estudantes foi, em sua maioria, pequeno ou nenhum. Entre os estudantes que declararam ter algum conhecimento em acupuntura, o estudo livre (autodidata) foi o meio de acesso à acupuntura mais citado pelos estudantes. Foi verificado grande interesse dos estudantes em aprender acupuntura e incluir uma disciplina de acupuntura no currículo do curso médico, sendo uma disciplina optativa a opção mais escolhida pelos estudantes. Entre os participantes, a maioria já foi tratada com acupuntura, possui familiares que já foram tratados, e os resultados de eficácia foram favoráveis. Quanto à aceitação do tratamento com a acupuntura por pacientes, a maioria dos participantes não só aceitaria, mas também estimularia o uso. Conclui-se, portanto, que há interesse e desconhecimento dos estudantes em relação à acupuntura e que a implantação de disciplina sobre a acupuntura receberia o apoio dos estudantes e seria essencial para proporcionar o contato deles com essa especialidade, contribuindo, desse modo, para uma atualização necessária no currículo dos cursos médicos brasileiros.
9	O ensino das terapias alternativas e complementares em escolas de enfermagem	Nelson Filice BARROS, Philip TOVEY / 2007 / Revista Gaúcha de Enfermagem / São Paulo	Qualitativo	O interesse pelas Terapias Alternativas e Complementares (TAC) tem sido crescente, tanto entre pacientes quanto entre profissionais e gestores da saúde. Este artigo explora <b>o ensino das TAC em cinco escolas de enfermagem do Estado de São Paulo.</b> A partir de entrevistas em profundidade com responsáveis pelos cursos, discute-se: suas características sociológicas, o formato, as justificativas e as estratégias para iniciar e manter os cursos. Este debate é fundamental para o campo da saúde em geral, e para a área da enfermagem em particular, pois a tendência internacional mostra incremento destas questões na formação e prática profissionais.
10	Profissionais da área de saúde pública: atitudes,	Renata Pereira GONÇALVES ; Helmer Magalhães	Quantitativo	Foi realizado um estudo quantitativo com objetivo de analisar as atitudes, conhecimentos e <b>experiências apresentados por profissionais da área de saúde pública do município de Juiz de Fora/MG, no ano de 2007, em</b>

	conhecimentos e experiências em relação a práticas médicas não-convencionais	ANTUNES ; João Batista Picinini TEIXEIRA, Ludimila Oliveira CARDOSO; Patrícia Reis BARBOSA / 2008 / Revista de APS / Minas Gerais		<b>relação às práticas médicas não-convencionais.</b> Foi realizada uma amostragem do tipo não-probabilística, obtendo-se um n=56. Os dados foram trabalhados nos programas Microsoft Office Excel e SPSS 13.0 for Windows e posteriormente analisados. Dos entrevistados, 82,15% não cursaram disciplinas com abordagem acerca das práticas médicas não-convencionais durante a graduação; a maior parte relatou ter “nenhum” ou “muito pouco” conhecimento acerca das terapias estudadas; 61,23% declararam ter obtido conhecimento sobre o assunto por meio da mídia ou pesquisa pessoal; a maior parte considera ser necessário o ensino das práticas médicas não-convencionais por meio de disciplinas opcionais durante a graduação; 58,93% afirmaram fazer ou já ter feito uso pessoal de práticas médicas não-convencionais, apesar de 67,86% negarem seu uso na prática profissional; apenas 55,36% afirmaram ter conhecimentos acerca da inserção das práticas médicas não-convencionais no Sistema Único de Saúde atualmente. Há necessidade de criação de novos cursos para capacitação de profissionais na área em questão e maiores incentivos governamentais para inclusão definitiva destas práticas no âmbito da saúde pública do país.
11	Relato de experiência do curso de plantas medicinais para profissionais de saúde	Teila CEOLIN, Silvana CEOLIN, Rita Maria HECK, Patrícia Tuerlinckx NOGUEZ, Andrieli Daiane Zdanski de SOUZA / 2013 / Revista Baiana de Saúde Pública / Rio Grande do Sul	Relato de experiência / Quantitativo	<b>O objetivo deste estudo é investigar o conhecimento dos profissionais de saúde que participaram de um curso de extensão, sobre plantas medicinais.</b> Trata-se de um relato de experiência de um curso de capacitação sobre plantas medicinais que ocorreu entre agosto e novembro de 2011, para 41 profissionais de nível superior, atuantes na atenção primária à saúde, oriundos de 9 municípios da região sul do Brasil. Os resultados demonstram que 88% dos profissionais trabalham na Estratégia da Saúde da Família, 61% têm conhecimento de que a comunidade da área de abrangência faz uso de plantas medicinais e 60% referiram que no seu cotidiano são solicitadas informações a respeito de plantas. Contudo, apenas 31% relataram que orientam a comunidade sobre o uso de plantas medicinais com frequência e 75% nunca realizaram cursos e/ou capacitação sobre terapias complementares. Destaca-se a necessidade de capacitar profissionais para que permitam a ampliação das práticas terapêuticas, em busca da integralidade da assistência.
12	Situação do ensino das práticas integrativas e complementares nos cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e medicina	Léia Fortes SALLES, Rafael Fernandes Bel HOMO, Maria Júlia Paes da SILVA / 2014 / Cogitare Enfermagem / Não se aplica	Pesquisa documental; descritiva; exploratória / Quantitativa	<b>O objetivo foi analisar a situação do ensino das Práticas Integrativas e Complementares em faculdades de Enfermagem, Medicina e Fisioterapia no Brasil.</b> A amostra foi constituída de faculdades públicas e a busca de dados ocorreu nos sites das instituições investigadas entre maio de 2012 a março de 2013. Das 209 instituições públicas de ensino superior, somente 43 (32,3%) oferecem disciplinas relacionadas com o tema. Dentre os três cursos, as escolas de Enfermagem oferecem mais disciplinas, seguidas pela Medicina e Fisioterapia; 26,4%, 17,5% e 14,6%, respectivamente. A média da carga horária é de 46 horas e a maioria delas são oferecidas de forma optativa, ficando boa parte dos profissionais de saúde sem nenhuma aproximação acadêmica com esses saberes. As instituições de ensino, que formam profissionais para o mercado de trabalho e para o Sistema Único de Saúde, precisam rever as grades curriculares.
13	Terapias terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem.	Monica Martins TROVO, Maria Júlia Paes da SILVA, Eliseth Ribeiro LEÃO / 2003 / Revista Latino-Americana de Enfermagem / São Paulo	Estudo de Campo, Descritivo, Transversal / Quantitativo- Qualitativo	<b>Este estudo visou a análise sobre o conhecimento que alunos de graduação em Enfermagem de duas instituições de ensino, uma pública e uma privada, têm em relação às terapias alternativas/complementares,</b> uma vez que ambas as instituições oferecem disciplina específica nessa área, de forma optativa e obrigatória, respectivamente. Os dados encontrados sugerem que o conhecimento sobre o tema decorre do senso comum, além do ensino acadêmico. Os alunos recomendam mais a utilização de terapias alternativas/complementares do que fazem uso das mesmas, sendo as mais conhecidas por eles: a terapia floral, acupuntura, homeopatia, cromoterapia, fitoterapia, musicoterapia e massagem. E o aspecto mais negligenciado no processo ensino-aprendizagem dessa disciplina relaciona-se com os aspectos legais da especialização nesse campo para o enfermeiro.



14	O ensino da acupuntura na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Brasil	João Eduardo Daud AMADERA, Hong JIN PAI, Wu TU HSING, Marcus Zulian TEIXEIRA, Milton de Arruda MARTINS, Chin AN LIN / 2010 / Revista da Associação Médica Brasileira / São Paulo	Estudo Descritivo, Analítico / Qualitativo	Objetivo: Após ter sido introduzida como disciplina eletiva (não obrigatória) no segundo semestre de 2002, <b>a acupuntura tem sido ensinada na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)</b> desde então. Esse estudo foi realizado com o intuito de verificar o interesse e a aceitação da acupuntura entre os estudantes de medicina da FMUSP e se, de alguma forma, ela poderia influenciá-los positivamente, contribuindo para melhorar as suas competências. Métodos: O estudo foi conduzido durante o período de 2002 a 2007, utilizando-se métodos de estatística descritiva. Resultados: A média de todos os estudantes que concluíram a disciplina foi de 24,9 alunos por semestre, sendo que a média de estudantes de medicina por semestre é de 87,5 (28% de todos os estudantes de medicina nos 7º e 8º semestres). Após o primeiro semestre de formação básica em acupuntura, apenas oito alunos por grupo são promovidos (após seleção) para a Liga Médica Acadêmica de Acupuntura, que tem a duração de dois anos. Em todos os semestres, as oito vagas são preenchidas. Entre os estudantes que concluíram o curso, 98% consideraram-no de boa ou muito boa qualidade, 85% consideravam-se parcialmente capazes para empregar a acupuntura e 79% consideraram que o curso contribuiu para a sua educação médica. Conclusão: Existe um real interesse para a aprendizagem da acupuntura, pois em torno de 30% de todos os alunos quiseram passar por um breve treinamento em acupuntura, alguns deles optando por uma formação de dois anos em reconhecimento à importância da acupuntura como parte da capacitação profissional. Os resultados sugerem que a acupuntura deve ser incluída como uma disciplina eletiva para alunos de medicina.
<b>EIXO: GESTÃO</b>				
15	A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios	Climério Avelino de FIGUEREDO, Idê Gomes Dantas GURGEL, Garibaldi Dantas GURGEL JUNIOR / 2014 / Physis Revista de Saúde Coletiva	Revisão Literária e pesquisa documental / Qualitativo	Em 2006, foram criadas a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, para o Sistema Único de Saúde, resultado de um longo processo de demanda e construção de uma política para o setor. Este trabalho <b>objetiva analisar a construção da política para a implantação/implementação da Fitoterapia no SUS, das facilidades e dificuldades envolvidas neste processo e dos desafios e perspectivas</b> . Para isto foi feito a análise de documentos do Ministério da Saúde que são atinentes à questão, de artigos que abordam a política, além de artigos sobre aspectos da Fitoterapia que têm importância em relação ao seu uso nos serviços de saúde. Desta análise, observa-se que, apesar de o governo federal ter desenvolvido diversas ações, a implementação da política pouco avançou em função das dificuldades para seu uso no SUS, como o pouco conhecimento que os profissionais de saúde têm sobre a Fitoterapia, o entendimento deturpado sobre a eficácia e a segurança deste tratamento por parte de usuários e profissionais de saúde, a dificuldade do acesso à planta medicinal e ao fitoterápico, além da estruturação dos serviços nos moldes que favorecem o uso do medicamento sintético. No entanto, vê-se que esta política é importante por oferecer outra forma de tratamento, pelo fato de as plantas medicinais serem acessíveis à população, por resgatar o conhecimento popular, por favorecer a participação popular etc. e que são fatores facilitadores de sua implementação.
16	Dificuldades enfrentadas por enfermeiros na aplicabilidade da fitoterapia na atenção básica: uma revisão integrativa	Anna Karolina Lages de ARAÚJO, Augusto Cezar Antunes de ARAÚJO FILHO, Laís Gama IBIAPINA, Inez Sampaio NERY, Silvana Santiago da ROCHA / 2015 / Revista online de	Revisão Literária / Qualitativo	Analisar artigos disponíveis na literatura sobre as dificuldades encontradas por enfermeiros na <b>aplicabilidade da fitoterapia na Atenção Básica</b> . Método: A revisão integrativa foi o método adotado. Para busca dos estudos, as seguintes bases de dados foram selecionadas: PubMed, LILACS e Portal de Periódicos da Capes. Foram incluídos sete estudos. Resultados: Os artigos indicaram a ausência de planejamento na implantação da fitoterapia e de outras práticas integrativas e complementares na atenção básica, a falta de capacitação dos profissionais de saúde e a não valorização por parte da gestão e da própria equipe de saúde como as principais dificuldades encontradas. Conclusão:

		pesquisa: Cuidado é Fundamental / Não se aplica		Fazem-se necessários investimentos por parte dos gestores na introdução de programas de implantação das terapias integrativas e complementares, além de capacitação e formação de recursos humanos na área.
17	Fitoterapia na Atenção Básica: olhares dos gestores e profissionais da Estratégia Saúde da Família de Teresina (PI), Brasil	Rafael Portela FONTENELE, Dayana Maria Pessoa de SOUSA, André Luís Menezes CARVALHO, Francisco de Assis OLIVEIRA / 2013 /Ciência & Saúde Coletiva / Piauí	Quantitativo- Qualitativo	Desde 2006, a fitoterapia destaca-se como uma prática integrativa e complementar no Sistema Único de Saúde, através de experiências e normatizações, apresentando-se para o fortalecimento da Atenção Básica. Este estudo qualitativo objetivou <b>conhecer a percepção de 8 gestores em saúde e 68 profissionais da estratégia saúde da família</b> (36 enfermeiros, 18 médi- cos e 14 odontólogos) de Teresina, Piauí, <b>sobre a inserção da fitoterapia na Atenção Básica</b> . Nas entrevistas, utilizou-se um questionário semies- truturado com questões relativas a dados pessoais do entrevistado, ao seu conhecimento sobre fito- terapia e a suas opiniões sobre o potencial de in- serção desta na Atenção Básica. De uma forma geral, os entrevistados aceitam a institucionali- zação da fitoterapia; fazem uso pessoal deste re- curso terapêutico e o conhecimento popular é a forma de conhecimento predominante. A forma- ção técnica em fitoterapia dos profissionais de saú- de, bem como o conhecimento das políticas que envolvem o tema é deficiente. Os gestores demonstraram plena abertura para a discussão do assun- to, elencando justificativas, estratégias e dificul- dades de ordem política e estrutural. Assim, reco- nheceu-se a importância da capilarização da discussão sobre a fitoterapia, para a ampliação das ofertas de cuidado na Atenção Básica.
18	O conhecimento de gestores municipais de saúde sobre a Política Nacional de Prática Integrativa e Complementar e sua influência para a oferta de homeopatia no Sistema Único de úde local.	Wania Maria Papile GALHARDI, Nelson Filice de BARROS, Ana Cláudia Moraes Barros LEITE- MOR / 2013 / Ciência & Saúde Coletiva / São Paulo	Pesquisa documental Quantitativo / Qualitativo	Os determinantes sociais do processo saúde-doença e o desafio da integralidade do cuidado levaram a Organização Mundial da Saúde a propor as Medicinas Alternativas e Complementares para comporem as políticas de saúde. No Brasil, em 2006 foi publicada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC); ferramenta para a institucionalização da homeopatia no Sistema Único de Saúde (SUS). <b>Este trabalho analisa o conhecimento dos gestores da saúde de municípios de São Paulo sobre a PNPIC e sua influência na atenção em homeopatia</b> . Em 2008 foram identificados no Datasus os municípios que realizaram consultas homeopáticas entre 2000-2007, os gestores foram entrevistados e os resultados analisados quanti-qualitativamente: dos 645 municípios, 47 ofertaram homeopatia e com 42 foram realizadas entrevistas. Desses, 26% conhecem a PNPIC, 31% a conhecem pouco e 41% a desconhecem. Destaca-se que aqueles conhecedores afirmaram utilizar a PNPIC para: instruir o governo municipal sobre a homeopatia; a construção de legislação própria e o incremento dos serviços homeopáticos. Conclui-se que a PNPIC é desconhecida pelos gestores da saúde e aqueles que a conhecem utilizam-na para tornar conhecida a racionalidade médica homeopática e justificar sua indicação no SUS.
19	Percepção dos enfermeiros da estratégia saúde da família sobre o uso da fitoterapia	Larissa Alves SAMPAIO, Dayanne Rakelly de OLIVEIRA, Marta Regina KERNTOPF, Francisco Elizauo de BRITO JÚNIOR, Irwin Rose Alencar de MENEZES / Revista Mineira de Enfermagem / 2013 / Ceará	Estudo descritivo exploratório / Qualitativo	A utilização de plantas medicinais é bastante difundida em todo o mundo inclusive no Brasil, onde há grande variedade de espécies e extensa tradição em sua utilização. Objetivou-se, com esta pesquisa, <b>conhecer a percepção dos enfermeiros sobre o uso da fitoterapia na Estratégia Saúde da Família</b> . Trata-se de estudo descritivo exploratório, de abordagem qualitativa, desenvolvido em Crato-CE, com 15 enfermeiros. Empregou-se o método de análise temático-categorial. Foram construídas seis categorias e duas subcategorias, nas quais foram descritos o conhecimento dos profissionais sobre a fitoterapia, a visão deles sobre o uso na atenção básica, a utilização dessa prática e as estratégias desenvolvidas para seu uso. Os resultados revelaram que o conhecimento dos entrevistados é, na maioria das vezes, restrito e informal e que eles encontram dificuldades para a implantação de práticas fitoterápicas, como a não valorização por parte da gestão e do restante da equipe de saúde. Ressalte-se assim, a importância do desenvolvimento de estratégias que viabilizem a inserção segura e eficiente da fitoterapia na assistência e, consequentemente, a valorização da cultura local.

20	Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde	Melissa Costa SANTOS, Charles Dalcanale TESSER / 2012 / Ciência & Saúde Coletiva / Não se aplica	Análise de experiência (Observação de resultados terapêuticos) / Qualitativo	A oferta de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde é estimulada para ampliar a integralidade da atenção e o acesso às mesmas, mas é um desafio incorporá-las aos serviços. Nosso objetivo é <b>apresentar um método de implantação das PIC na Atenção Primária à Saúde</b> , derivado da análise de experiências municipais, resultado parcial de estudo de mestrado cuja metodologia foi a pesquisa-ação. O método envolve 4 fases: 1 - definição do núcleo responsável pela implantação e sua solidificação; 2 - análise situacional, com mapeamento de profissionais competentes já existentes; 3 - regulamentação, organização do acesso e legitimação; 4 - ciclo de implantação: pactuação de planos locais, tutoria e atividades de educação permanente em saúde. As fases são descritas, fundamentadas e sucintamente discutidas. O método estimula o desenvolvimento de ações racionais e sustentáveis, fomenta a gestão participativa, a construção da integralidade e a ampliação responsável do cuidado realizado na Atenção Primária à Saúde através da oferta progressiva e sustentável de Práticas Integrativas e Complementares.
<b>EIXO: SERVIÇO/ATENÇÃO</b>				
21	Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica	Rubia Laine de Paula ANDRADE, Luiz Jorge PEDRÃO / 2005 / Revista Latino-americana de Enfermagem / Não se aplica	Revisão Literária / Qualitativo	Neste trabalho, uma revisão da literatura foi realizada com o objetivo de <b>identificar trabalhos que descrevessem modalidades terapêuticas não tradicionais que o enfermeiro psiquiátrico tem capacidade para utilizar em sua prática diária</b> . As modalidades descritas foram Música, Atividade Motora, Acompanhamento Terapêutico e Ioga. A Música pode reconstruir identidades, integrar pessoas, reduzir a ansiedade e proporcionar a construção de auto-estima positiva. A Atividade Motora aumenta a auto-estima, reduz a ociosidade e aumenta a participação do paciente psiquiátrico em outras atividades. No Acompanhamento Terapêutico, o enfermeiro acompanha o paciente na realidade de sua rotina diária, buscando sua reintegração às diversas situações que necessita enfrentar. A Ioga permite melhora da memória, reduz a tensão emocional, a depressão, a ansiedade e a irritabilidade, promove relaxamento e maior sentimento de autodomínio. Toda atividade deve estar integrada a um plano terapêutico global para cada usuário e fazer parte da programação diária do serviço.
22	Experiência de pacientes com acupuntura no Sistema Único de Saúde em diferentes ambientes de cuidado e (des)medicalização social	Emiliana Domingues Cunha da SILVA, Charles Dalcanale TESSER / 2013 / Cad. Saúde Pública / Santa Catarina	Qualitativo	Virtudes atribuídas às terapias complementares, como abordagem holística e centrada nos pacientes e estímulo à autocura, vêm sendo valorizadas e podem, em tese, atenuar a excessiva medicalização social hoje vigente. Dentre elas, a acupuntura destaca-se pela institucionalização e aceitação progressiva. O objetivo foi <b>analisar a experiência de pacientes com acupuntura no Sistema Único de Saúde e como ela se insere no seu cuidado, à luz da medicalização social</b> , esta pensada nos seus aspectos constitutivos das representações e modelos explicativos dos usuários. Foram entrevistados trinta pacientes selecionados das atenções primária e secundária de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Observou-se relevantes resultados terapêuticos nas queixas principais, no sono, na disposição, no estado emocional e diminuição do uso de fármacos. Os modelos explicativos dos usuários e seu autocuidado foram pouco ou nada modificados pelo tratamento com acupuntura. Notou-se, todavia, um cuidado ampliado e menos iatrogênico, principalmente na atenção primária à saúde, em que houve pouca oferta de outras práticas da medicina chinesa associadas.
23	Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde	Charles Dalcanale TESSER, Nelson Filice de BARROS / 2008 / Revista de Saúde Pública / Não se aplica	Revisão Literária / Qualitativo	A medicalização social transforma a cultura, diminui o manejo autônomo de parte dos problemas de saúde e gera excessiva demanda ao Sistema Único de Saúde. Uma alternativa à medicalização social no âmbito da atenção à saúde é a pluralização terapêutica das instituições de saúde, ou seja, a valorização e o oferecimento de práticas e medicinas alternativas e complementares. O objetivo do artigo foi <b>analisar potencialidades e dificuldades de práticas e medicinas alternativas e complementares a partir de experiências clínico-institucionais e da literatura especializada</b> . Conclui-se que tal estratégia tem

				um limitado potencial “desmedicalizante” e deve ser assumida pelo Sistema Único de Saúde. Ressalta-se ainda que devem ser observadas a hegemonia político-epistemológica da Biociência e a disputa mercadológica atual no campo da saúde, cuja tendência é transformar qualquer saber/prática estruturado do processo saúde-doença em mercadorias ou procedimentos a serem consumidos, reforçando a heteronomia e a medicalização.
24	Medicina complementar e alternativa na rede básica de serviços de saúde: uma aproximação qualitativa	Silvana Cappelletti NAGAI, Marcos de Souza QUEIROZ / 2011 / Revista Ciência & Saúde Coletiva / São Paulo	Qualitativo	O artigo focaliza as representações sociais de profissionais da área da saúde sobre a <b>introdução de práticas médicas complementares e alternativas na rede básica do município de Campinas (SP)</b> . A partir de uma perspectiva metodológica essencialmente qualitativa, o artigo analisa as condições, os problemas e os obstáculos na implementação dessas práticas nos serviços de saúde. O sucesso desta inclusão foi encontrado em quatro razões fundamentais: a disposição da clientela, que apoia e solicita este tipo de serviço; a visão de saúde dos médicos sanitaristas, que mostram uma abertura para este tipo de projeto; o amplo apoio proveniente de profissionais de saúde não médicos, que pretendem valorizar e ampliar a sua prática; e, finalmente, a própria perspectiva das medicinas alternativas e complementares, que se encontra em plena sintonia com a ênfase na saúde proposta pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar do sucesso na implantação dessas práticas na rede básica, dois aspectos negativos foram detectados: o planejamento insuficiente e uma visão simplificadora que converte as racionalidades alternativas em meras técnicas que seguem os mesmos princípios mecanicistas da medicina alopática e o mesmo entendimento reificado de doença.
25	Música ambiente em serviço de emergência: percepção dos profissionais	Maria Fernanda Zorzi GATTI, Maria Júlia Paes da SILVA / 2007 / Revista Latino-americana de Enfermagem / São Paulo	Questionário / Quantitativo- Qualitativo	Em função da característica assistencial do serviço de emergência, o profissional de saúde vivencia inúmeras situações geradoras de ansiedade. O objetivo deste estudo foi <b>conhecer a percepção dos profissionais sobre a audição de música erudita no ambiente de trabalho</b> . A amostra constituiu-se de 49 profissionais do pronto-socorro adulto de um hospital privado de médio porte. Os dados foram coletados utilizando-se questionário de avaliação da percepção do profissional. Foi observado que, com a presença da música, 78% dos profissionais percebeu alteração no ambiente, 41% acreditou que a música alterou seu desempenho pessoal, de forma positiva para 85% e negativa para 15%. Em relação ao repertório musical, 61% dos indivíduos afirmou ter gostado da seleção, 96% acredita que se deve continuar com a música ambiente com sugestão de outros gêneros musicais por 76% dos entrevistados.
26	Uso de terapias integrativas e complementares por pacientes em quimioterapia	Julyane FELIPETTE LIMA, Silvana CEOLIN, Bruna Knob PINTO, Juliana Graciela Vestena ZILMMER, Rosani Manfrin MUNIZ, Eda SCHWARTZ / 2015 / Avances em enfermagem / Rio Grande do Sul	Qualitativo	<b>Conhecer as terapias integrativas e complementares utilizadas pelos pacientes em quimioterapia oncológica</b> . Metodologia: Estudo qualitativo, realizado com seis pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico, em um serviço de oncologia do sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevista, em junho de 2010, sendo a análise de conteúdo tipo temática. Resultados: As terapias apontadas neste estudo foram a homeopatia, a fitoterapia e as plantas medicinais e percebeu-se que elas aumentam a sensação de bem-estar, possibilitam o estabelecimento de vínculos positivos com profissionais da saúde, e fazem parte do saber popular e estão interligadas ao conhecimento científico. Conclusões: Apreende-se que uso de terapias integrativas e complementares em oncologia permite a aproximação do profissional enfermeiro com o paciente em quimioterapia, conhecendo-o em sua complexidade.
27	Canto Gregoriano: redutor de ansiedade de mães com filhos hospitalizados	Ana Paula ALMEIDA, Maria Júlia Paes da SILVA / 2011 / Acta Paulista de Enfermagem / São Paulo	Estudo Quase-experimental, Descritivo, exploratório, correlacional / Quantitativo	Objetivo: <b>Verificar a presença de alteração do estado de ansiedade das mães de crianças hospitalizadas com a audição de canto Gregoriano</b> . Métodos: Pesquisa descritiva, exploratória, correlacional com análise quantitativa, quase experimental. A coleta dos dados foi realizada no período de julho de 2009 a fevereiro de 2010. A amostra inicial foi de 71 mães e destas 28 concluíram todas as etapas da pesquisa. Resultados: O uso do canto Gregoriano diminuiu o estado de ansiedade das mães de crianças hospitalizadas em um hospital pediátrico de atenção quaternária acomodadas em quartos individuais. Conclusão: É necessário investigar os possíveis efeitos do

				canto Gregoriano em outros ambientes do hospital e em outras formas de acomodação do cliente.
28	Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas	Reiley REED, Lilian FERRER, Natalia VILLEGAS / 2012 / Revista Latino-americana de Enfermagem / Não se aplica	Revisão Literária / Qualitativo	<p>O objetivo desta revisão foi descrever a literatura existente sobre o uso de terapia e atividades assistidas por animais (AAT/A), como terapia adjuvante em pessoas vivendo com doenças crônicas, e discutir a possível aplicação dessa prática em crianças que vivem com HIV. A informação foi buscada em bancos de dados entre 10 de março e 11 de abril de 2011, usando as palavras: terapia assistida por animais ou tratamento e condições crônicas ou doenças. Trinta e um artigos foram encontrados e 18 seguiram os critérios de inclusão e exclusão. A pesquisa sugere que AAT/A é eficaz para pacientes com diferentes perfis, especialmente para crianças. Descobriu-se que a interação com cães incrementa comportamentos positivos como aumento da sensibilidade e atenção nas crianças com deficiência social. A redução nos níveis de dor também foi relatada em crianças como resultado da AAT/A. Mais pesquisas devem ser feitas na área de crianças que vivem com doenças crônicas que exigem adesão rigorosa ao tratamento, tais como HIV, e o uso prospectivo da AAT/A como ferramenta educacional para ensinar as crianças sobre a importância do autocuidado para suas condições médicas.</p>

## 9. APÊNDICE 2

